

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

RAPHAEL AUGUSTO DOS SANTOS

ETIQUETAGEM DE FOTOGRAFIAS NO INSTAGRAM GREENPEACE BRASIL E SUA  
RELAÇÃO COM A ANÁLISE DOCUMENTÁRIA DE IMAGENS

São Carlos - SP  
2021

RAPHAEL AUGUSTO DOS SANTOS

ETIQUETAGEM DE FOTOGRAFIAS NO INSTAGRAM GREENPEACE BRASIL E SUA  
RELAÇÃO COM A ANÁLISE DOCUMENTÁRIA DE IMAGENS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

**Orientadora:** Profa. Dra. Paula Regina Dal'Evedove.

São Carlos - SP  
2021

Santos, Raphael Augusto dos

Etiquetagem de fotografias no Instagram Greenpeace Brasil e sua relação com a análise documental de imagens / Raphael Augusto dos Santos -- 2021.  
70f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,  
campus São Carlos, São Carlos  
Orientador (a): Paula Regina Dal'Evedove  
Banca Examinadora: Luciana de Souza Gracioso,  
Giovana Deliberali Maimone  
Bibliografia

1. Indexação de imagens. 2. Folksonomia. 3. Instagram.  
I. Santos, Raphael Augusto dos. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

**Data da Defesa:** 20 de janeiro de 2021.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Paula Regina Dal'Evedove (Orientadora)**

Departamento de Ciência da Informação (DCI)  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

---

**Profa. Dra. Luciana de Souza Gracioso**

Departamento de Ciência da Informação (DCI)  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

---

**Profa. Dra. Giovana Deliberali Maimone**

Departamento de Informação e Cultura (CBD)  
Universidade de São Paulo (USP)

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe **Ivanete Campos**, por ter me incentivado a correr atrás dos meus sonhos, e por me ensinar valores imprescindíveis que nortearam minha caminhada.

Agradeço imensamente à minha avó e ao meu avô, **Luzinete Campos** e **Augustinho Campos**, que são a razão de tudo, que sempre priorizaram a educação em minha vida – a da escola e a do espírito e, assim, me trouxeram até aqui e me guiarão sempre e sempre por todos os caminhos.

Agradeço à minha irmã **Amanda dos Santos** que, apesar de estar do outro lado do mundo, esteve sempre presente através do carinho e apoio.

Agradeço aos amigos **Antônia Celene**, **Cristiano Costa**, **Sérgio Terossi**, **Paulo Pacheco**, **Giovanna Ferreira** e **Lenna Barros** que sempre me incentivaram a cursar uma segunda graduação.

É imprescindível agradecer a duas pessoas especiais que a graduação trouxe em minha vida, **Lucas Gatto** e **Bruna Bissoli**, pelos preciosos debates nos botecos da vida, pelas nossas incríveis viagens, pela (des)organização de eventos e parceria na escrita, pelas risadas, além das dicas, truques e inúmeras revisões das primeiras versões deste trabalho.

Agradeço às queridas amigas **Athais Goulart**, **Bianca Pisseli** e **Amanda Possobam** pelos momentos de descontração, pela paciência comigo, pelo carinho e pela amizade construída nesses anos.

Agradeço a todos os alunos da **turma 016** e a todos os docentes do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da UFSCar.

Agradeço ao secretário de Coordenação do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação, **Artur Protter** pela sua competência e dedicação com o trabalho, por ser sempre prestativo, por sua paciência comigo e pelas conversas amigas nos intervalos das aulas.

Meus agradecimentos à comissão examinadora, Profa. Dra. **Luciana de Souza Gracioso** e Profa. Dra. **Giovana Deliberali Maimone**, por aceitarem o convite e pelas significativas contribuições neste trabalho.

Finalizo agradecendo à minha orientadora, Profa. Dra. **Paula Regina Dal'Evedove**, pela orientação e apoio, por sua imensa contribuição na indicação de leituras e por ter me auxiliado, sobretudo, de forma competente e amiga, a dar um rumo adequado e pertinente ao meu trabalho, auxílio sem o qual as ideias do trabalho não teriam sentido lógico.

Agradeço, sobretudo a Deus.

RAPHAEL AUGUSTO DOS SANTOS

**São Carlos, 13 de janeiro de 2021**



## RESUMO

Considerando os processos de atribuição de *hashtags* no acervo de imagens do Greenpeace Brasil na rede social Instagram pelos seus usuários através do processo da folksonomia, esta pesquisa tem por finalidade a investigação e análise de etiquetagem de fotografias na rede social Instagram e sua relação com as categorias de análise documentária de imagens fotográficas proposta por Manini (2002). Para isso, o trabalho caracteriza-se como descritivo com coleta de dados através de observação. Do ponto de vista dos objetivos da pesquisa, o presente estudo tem caráter descritivo e exploratório com abordagem quali-quantitativa. Foi selecionada a fotografia com mais popularidade de cada mês no período de janeiro a dezembro de 2019, resultando em 12 fotografias para o corpus da pesquisa. Para a análise, foram coletadas 59 *hashtags* atribuídas as 12 fotografias selecionadas do acervo e os resultados apontaram que a maioria das *hashtags* atribuídas nas imagens correspondem à categoria SOBRE, o que mostra que as imagens fotográficas são representadas de uma forma mais subjetiva e de consenso limitado. Conclui-se que a grade de atributos proposta por Manini (2002) se mostrou relevante no que diz respeito à categorização para representação correta de imagens fotográficas, mas que há uma falta de conhecimento dos indexadores em questão para representação das imagens fotográficas publicadas no acervo do Greenpeace Brasil.

**Palavras-chave:** Indexação de imagens. Folksonomia. Instagram. Hashtags. Ambiente digital.

## ABSTRACT

Considering the processes of attributing hashtags to the Greenpeace Brasil image collection on the Instagram social network by its users through the folksonomy process, this research aims to investigate and analyze photo tagging on the Instagram social network and its relationship with the categories of documentary analysis of photographic images proposed by Manini (2002). For this, the work is characterized as descriptive with data collection through observation. From the point of view of the research objectives, the present study has a descriptive and exploratory character with a qualitative and quantitative approach. The most popular photograph of each month was selected from January to December 2019, resulting in 12 photographs for the research corpus. For the analysis, 59 hashtags attributed to the 12 selected photographs from the collection were collected and the results showed that most of the hashtags attributed in the images correspond to the category ABOUT, which shows that the photographic images are represented in a more subjective way and with limited consensus. It is concluded that the attribute grid proposed by Manini (2002) proved to be relevant with regard to the categorization for correct representation of photographic images, but that there is a lack of knowledge of the indexers in question to represent the photographic images published in the collection of the Greenpeace Brasil.

**Keywords:** Indexing images. Folksonomy. Instagram. Hashtags. Digital environment.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1. Elementos da Folksonomia.....	29
Imagem 2. Exemplo de nuvem de <i>tags</i> .....	29
Imagem 3. Fotografia do mês de janeiro .....	39
Imagem 4. Fotografia do mês de fevereiro .....	41
Imagem 5. Fotografia do mês de março .....	43
Imagem 6. Fotografia do mês de abril .....	44
Imagem 7. Fotografia do mês de maio .....	45
Imagem 8. Fotografia do mês de junho .....	47
Imagem 9. Fotografia do mês de julho .....	48
Imagem 10. Fotografia do mês de agosto.....	50
Imagem 11. Fotografia do mês de setembro.....	51
Imagem 12. Fotografia do mês de outubro.....	53
Imagem 13. Fotografia do mês de novembro .....	54
Imagem 14. Fotografia do mês de dezembro .....	55
Imagem 15. Gráfico sobre a distribuição das <i>hashtags</i> a partir do preenchimento da Grade de Análise Documentária de Imagens Fotográficas .....	57

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Comparação dos níveis de descrição de imagens propostos por Panofsky e Shatford. ....	21
Quadro 2. Categorias para análise documentária de imagens .....	22
Quadro 3. Método para indexação de imagens elaborada por Shatford .....	23
Quadro 4. Grade de análise documentária de imagens fotográficas.....	24
Quadro 5. Variáveis da dimensão expressiva.....	25
Quadro 6. Vantagens e Desvantagens .....	32
Quadro 7. Quadro para coleta de dados.....	37
Quadro 8. Dados da fotografia do mês de janeiro .....	39
Quadro 9. Dados da fotografia do mês de fevereiro.....	41
Quadro 10. Dados da fotografia do mês de março .....	43
Quadro 11. Dados da fotografia do mês de abril.....	44
Quadro 12. Dados da fotografia do mês de maio .....	45
Quadro 13. Dados da fotografia do mês de junho .....	47
Quadro 14. Dados da fotografia do mês de julho .....	48
Quadro 15. Dados da fotografia do mês de agosto.....	50
Quadro 16. Dados da fotografia do mês de setembro.....	52
Quadro 17. Dados da fotografia do mês de outubro.....	53
Quadro 18. Dados da fotografia do mês de novembro .....	54
Quadro 19. Dados da fotografia do mês de dezembro .....	56
Quadro 20. Grade de Análise Documentária de Imagens Fotográficas preenchida.....	58

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES**

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados de Ciência da Informação
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IPAM	Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia
ONG	Organização Não Governamental

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>18</b>
2.1 Indexação de imagens .....	18
2.2 Folksonomia: ampliando as possibilidades de representação da informação no ambiente digital .....	26
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>35</b>
3.1 Instrumento de pesquisa.....	37
<b>4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....</b>	<b>39</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>63</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a população mundial se deparou com o surgimento de um novo conceito de uso da Internet. Nomeada por alguns pesquisadores como *Web 2.0*, (ela) possibilitou o desenvolvimento de novas ferramentas tecnológicas que afetaram não apenas as formas de comunicação, mas também a relação e a organização das atividades humanas, como: a diminuição das distâncias por novos mecanismos de comunicação, otimização de rotinas de trabalho e possibilidade de uma gama infinita de informações em “tempo real”.

A Internet mudou a quantidade e (as) práticas nas relações sociais, culturais, políticas e econômicas do mundo. Conforme Lévy (2000), através do espaço interativo, de trocas, de criação e geração, o uso da Internet se tornou mais colaborativo, possibilitando a disseminação da inteligência coletiva, mudando, assim, vários aspectos das relações sociais. Isso a torna uma ferramenta de colaboração entre os usuários, dando-lhes a oportunidade de publicar e tratar livremente suas informações na rede.

Rosado e Tomé (2015) mostram que as colaborações e a construção de relações entre usuários aumentaram a partir do ano de 2005, em que cresceu o uso de redes sociais *on-line*. No contexto da cibercultura, que teve o início de seu desenvolvimento na década de 1980 com a ampliação do acesso à computadores pessoais, as redes sociais se tornaram o principal objeto de atenção, principalmente, na década de 2000 com o grande crescimento de adesão e utilização entre as pessoas. Um dos fatores responsáveis pelo crescimento do acesso à Internet é a utilização de conexões sem fio, atrelada ao aumento da portabilidade e mobilidade de suportes como *smartphones* e *tablets*, que substituíram a visão do computador atrelado a um espaço geográfico fixo.

Os avanços em conexões sem fio e portabilidade/mobilidade de suportes, segundo Rosado e Tomé (2015), trouxeram para o ramo da informática o desenvolvimento de aplicativos (*apps*) para celulares, *tablets* e televisões digitais, e estes permitem que usuários estejam conectados de maneira contínua em suas redes sociais, atualizando-as com fotografias, vídeos, comentários e compartilhando outras informações quando bem entenderem. Inserido neste contexto, o Instagram tornou-se uma das redes sociais mais utilizadas no mundo com mais de 1 bilhão de usuários, como mostra Roque et al (2020) ao analisarem a função desta rede social como meio promocional.

Ao unir a praticidade e mobilidade do acesso ao grande número de usuários, o resultado obtido é uma imensurável produção e disseminação de informações a cada segundo.

Johnson (2003) define a *Web* como um espaço desorganizado, em que o caos informacional cresce junto ao volume total de informações ali depositadas. Por se tratar de um ambiente com capacidade ilimitada de estocagem de informação, nota-se um excesso de informações na rede, tornando uma grande tarefa para o usuário o ato de localizar, acessar e processar as informações que deseja.

Rocha e Moreno (2012), ao analisarem as interações nas redes sociais, afirmam que o intenso fluxo de informações causa uma desordem na organização das informações disponíveis na *Web* e isso acarreta em desafios para os campos científicos da Biblioteconomia e Ciência da Informação, em específico na área de Organização do Conhecimento. Com isso, cresce a preocupação com a recuperação da informação, conforme descrito a seguir:

Neste contexto, é notável preocupações com a recuperação da informação, visto que a mesma pode não acontecer de forma satisfatória, necessitando assim, de mecanismos capazes de organizá-la e recuperá-la integralmente de forma rápida e precisa (SANTOS, OLIVEIRA e LIMA, 2017, p. 106).

Este contexto volátil de transformações e atualizações constantes traz com ele modificações socioculturais. Santos, Oliveira e Lima (2017) mostram que estas modificações estão ligadas à interação de usuários e às informações que estão disponíveis na rede, proporcionando novas ações e estratégias de organização e representação do conhecimento na *Web*. As autoras ainda consideram que os usuários, diante deste cenário, passam a determinar o uso de suas redes sociais através de demandas e necessidades pessoais, e passaram a ser capazes de representar suas próprias informações digitais.

Assim, surgem novas práticas de representação, organização e recuperação de informações em ambientes digitais pautadas na visão do usuário, que passa a ser produtor e indexador de conteúdos digitais com fins de compartilhamento e recuperação. Ao mesclar estes papéis, nota-se a substituição de práticas antigas de taxonomia, que passam a concordar com os ideais da colaboração. Diante da observação desse novo fenômeno, surge a nomeação *folksonomia*.

A *folksonomia* é um neologismo criado por Thomas Vander Wal e consiste na junção das palavras *folk* (povo ou pessoas em inglês) e *taxonomia*, que trata de uma estrutura de indexação social através da atribuição livre de palavras-chave.

A *folksonomia* é um modo de as pessoas etiquetarem objetos (páginas da web, fotos, vídeos podcasts, essencialmente qualquer coisa que possa estar na internet) usando o seu próprio vocabulário para que seja fácil para elas encontrarem a informação outra vez. [...] É uma classificação social, fazendo com que outras pessoas que usem o mesmo vocabulário sejam capazes de encontrar o mesmo objeto (WAL, 2005, s.p., tradução minha).

Podemos dizer que a folksonomia é uma taxonomia popular, pois é construída pelas pessoas, ou seja, é uma indexação colaborativa. Wal (2007) afirma que a grande contribuição da folksonomia está na recuperação de informações feitas a partir da indexação das palavras (etiquetas) informadas pelos próprios usuários do ambiente digital.

Segundo Santos (2013), a folksonomia é centrada no usuário e está relacionada com a ideia da colaboração dos usuários com seus próprios termos para indexar determinado recurso por meio da etiquetagem (do inglês, *tagging*). Para Brandt (2009) a etiquetagem é uma forma de indexação, em que as próprias pessoas, no caso, os usuários da informação, classificam documentos no ambiente digital, notadamente denominados por recursos ou objetos informacionais.

Quintarelli (2005) esclarece que, enquanto a taxonomia segue padrões mais rígidos com definição de classes e categorias anteriores à inclusão das palavras, a folksonomia traz uma maior liberdade ao processo, permitindo ao usuário manifestar-se conforme a sua vontade ou a da sua comunidade. Para Barbosa (2015 apud Wal, 2005), a folksonomia não tem princípio hierárquico ou associativo e está relacionada com a visão de mundo das pessoas, permitindo que usem as etiquetas ou palavras-chave que sintetizam sua ideia sobre determinado assunto.

Apesar da crescente inserção da temática na produção científica da Ciência da Informação brasileira, os estudos sobre folksonomia intrínsecos à recuperação da informação ainda são pouco explorados, sobretudo como um método contemporâneo de representação da informação imagética em redes sociais. Este tema mostra-se relevante para a Organização do Conhecimento, principalmente pelo volume de informações produzidas e compartilhadas em mídias e redes sociais na atualidade.

Por outro lado, a literatura dedicada à imagem fotográfica como representação e documento foi paulatinamente ganhando espaço na agenda de discussão da Ciência da Informação. Especificamente no viés da representação imagética, importantes estudos contribuíram para a constituição do arcabouço teórico e metodológico da análise documentária de imagens (SMIT, 1989, 1996; MANINI, 2001; BOCCATO e FUJITA, 2006, dentre outros). De modo geral, esses autores conseguiram criar maneiras de categorização para a organização e representação de imagens (MANINI, 2002; RODRIGUES, 2007), uma vez que, “compondo acervos em unidades de informação, especialmente as fotografias, as imagens necessitam de tratamento técnico diferenciado dos materiais em que o conhecimento é representado por meio da escrita” (FELIPE; PINHO, 2018, p. 148).

Diante do exposto, delimitamos a seguinte questão: Em que medida as práticas de folksonomia adotadas pelos usuários em redes sociais se aproximam das concepções propostas pela análise documentária de imagens fotográficas discutidas pela literatura especializada da Ciência da Informação brasileira?

Na busca por considerações que contribuam com a referida questão, a proposta da pesquisa é analisar as práticas de folksonomia adotadas por usuários da rede social Instagram mediante a atribuição de *hashtags* para a representação de imagens, a fim de identificar semelhanças com as categorias de análise documentária de imagens fotográficas propostas pela literatura especializada de Ciência da Informação. O *hashtag* é elencado nesta pesquisa por se tratar de um importante recurso contemporâneo de representação e recuperação de conteúdos em redes sociais, especialmente no Twitter, Instagram e Flickr.

A partir do exposto, tem-se como objetivo geral investigar a etiquetagem de fotografias na rede social *Instagram* e sua relação com a teoria da análise documentária de imagens fotográficas presentes na Ciência da Informação brasileira.

Para tanto, são estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Contextualizar a indexação de imagens, com destaque para os métodos de análise documentária de imagens;
- b) Contextualizar a representação colaborativa da informação em ambientes digitais; e
- c) Comparar a análise de etiquetagem de fotografias de usuários da rede social *Instagram* com as categorias de indexação de imagens identificadas.

A presente pesquisa justifica-se em razão da necessidade de se sistematizar conhecimentos teóricos e aplicados acerca da organização e representação de imagens fotográficas em tempos de folksonomia, com destaque para o uso de *hashtags* para a representação de imagens em redes sociais. No caso desta pesquisa, a escolha da rede social Instagram se deve ao fato de haver uma carência em estudos na Ciência da Informação brasileira que tratem dos aspectos relacionados à recuperação da informação nesta rede social.

O Instagram se tornou uma das redes sociais mais conhecidas e utilizadas no mundo, sendo a quinta rede social mais popular da Internet, com mais de um bilhão de usuários ativos que publicam fotografias digitais e vídeos utilizando as inúmeras opções de filtros e efeitos diretamente do telefone celular (G1 ECONOMIA, 2020). Com isso, o volume das produções imagéticas publicadas por usuários leigos e profissionais cresce de maneira exponencial em

um ambiente digital que não possui um vocabulário controlado para a utilização das *hashtags* ou mesmo uma padronização das mesmas para fins de organização e representação, tornando esse imenso volume de publicações imagéticas em um grande caos informacional.

Diante deste cenário, são necessários estudos e aplicações de conhecimentos provenientes da Ciência da Informação e Organização do Conhecimento em ambientes digitais que contemplem grandes volumes de dados, informações e usuários, notadamente pela carência de métodos que contribuam com a organização e a representação das informações criadas e compartilhadas em redes sociais, a fim de contribuir com o acesso e recuperação das imagens fotográficas disponíveis.

Para fundamentar o tema abordado e responder aos objetivos específicos, a pesquisa está estruturada em capítulos, descritos a seguir: após este capítulo introdutório, o segundo capítulo apresenta a revisão de literatura que está dividida em dois subcapítulos. O primeiro apresenta os elementos da indexação de imagens, descrevendo suas categorias presentes na Ciência da Informação brasileira. O segundo aborda os principais conceitos sobre a folksonomia, o seu uso, suas possibilidades de representação no ambiente digital, vantagens e desvantagens, evidenciando ideias dos teóricos que contribuem diretamente com o tema. O terceiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos deste trabalho, em que se realiza uma ampla pesquisa bibliográfica para o desenvolvimento dos aspectos teóricos que fundamentam a pesquisa, seguido de um estudo descritivo a partir da coleta e análise de etiquetagem de fotografias de usuários da rede social Instagram com as categorias de indexação de imagens identificadas. Ainda, apresenta a contextualização do objeto de estudo e o instrumento de pesquisa. O quarto capítulo contempla as análises e os principais resultados provenientes dos dados obtidos. Por fim, o quinto capítulo apresenta as considerações finais deste trabalho, com recomendações para pesquisas futuras avançarem no tema e oferecerem contribuições adicionais aos achados obtidos nesta pesquisa.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

Esta etapa é destinada à fundamentação teórica, a qual viabiliza o desenvolvimento da pesquisa empírica. Para tanto, comporta reflexões acerca da representação da informação e indexação de imagens, com destaque para os estudos dedicados à fotografia. Em um segundo momento, trata e discute a folksonomia enquanto método contemporâneo de indexação social no ambiente digital. O exposto nos próximos subcapítulos visa responder ao objetivo específico a) contextualizar a indexação de imagens, com destaque para os métodos de análise documentária de imagens; e b) contextualizar a representação colaborativa da informação em ambientes digitais.

### 2.1 Indexação de imagens

Um dos objetivos da presente pesquisa é contextualizar a indexação de imagens, com destaque para os métodos de análise documentária de imagens propostas pela Ciência da Informação brasileira. Nesse sentido, é importante apresentar os elementos de indexação, no intuito de atender os atributos do tipo de documento que esta pesquisa irá tratar, no caso, as imagens fotográficas.

Servindo como veículo de comunicação, informação, linguagem e registro, a imagem sempre esteve presente na civilização, desde as pinturas rupestres em cavernas na pré-história, até as fotografias de publicidades da Internet nos dias atuais. A imagem contribuiu para o progresso e transformação da sociedade no sentido social, econômico, político e cultural, bem como ganhou representatividade nos diversos campos do conhecimento.

Na definição de Casarus (1979, p. 32), “a imagem é tida como representação inteligível de alguns objetos com capacidade de ser reconhecida pelo homem necessitando concretizar-se materialmente”. A imagem também é compreendida como um conjunto de documentos iconográficos, como pinturas, gravuras, fotografias, entre outros (SMIT, 1996).

Para Silva, Alves e Costa (2007), o conceito de imagem digital está ligado à sua codificação em um determinado formato estabelecido que seja capaz de ser compreendido pelo computador. Diante do exposto, entende-se que a imagem digital pode ser criada por um computador ou por uma máquina fotográfica digital, o que resulta na conversão de fotografias e *slides* para o formato digital. Na ideia de Gomes (1994, p. 15), “a imagem digital é a materialização de grande parte dos processos da Computação Gráfica. Nesse sentido, ela

serve como elo de ligação entre o usuário e esses procedimentos, revelando os seus resultados”.

Em relação à indexação de imagens, os estudos sobre análise documentária de imagens ainda são pouco numerosos na literatura especializada da Ciência da Informação brasileira, mas são de grande destaque e relevância. Os principais autores que contribuíram com a análise documentária de imagens são: Shatford (1986), Smit (1996) e Manini (1997, 2002, 2009), a partir dos quais as discussões aqui apresentadas são estabelecidas.

O elemento básico para a representação da fotografia é a identificação do seu referente. Nas palavras de Barthes (1984) e Dubois (1994), a ideia de referente está ligada ao objeto que está focado na imagem, em outras palavras, o que está sendo representado na imagem, sem que este represente na totalidade o objeto focado ou a imagem fotográfica enquanto documento.

Para Manini (2002), o conceito de referente é tudo aquilo que um signo pode designar e sua função na fotografia está relacionada a dar assunto, motivo e razão de ser da imagem. Considera-se o referente como o testemunho de um fato ocorrido que foi “congelado” no tempo após o clique de uma câmera fotográfica. O conteúdo da imagem transmite significados explícitos ou não. No entanto, enquanto registro físico, a imagem necessita de um tratamento diferenciado, uma vez que a mesma é um objeto polissêmico e sua representação difere da representação de documentos impressos e digitais (SMIT, 1987).

Ao fazer a representação de uma imagem fotográfica através da indexação de imagens, deve-se considerar a presença das particularidades relacionadas à imagem em si. Para tanto, Erwin Panofsky estabeleceu três níveis de análise como métodos de representação de imagem fotográfica: pré-iconográfico, iconográfico e o iconológico.

Com base nos estudos de Panofsky (1979), Smit (1996) apresenta uma compreensão geral sobre os três níveis de análise de imagens fotográficas:

- O nível pré-iconográfico descreve a representação genérica de objetos e ações de uma imagem;
- O nível iconográfico estabelece o assunto secundário ou convencional ilustrado na imagem, ou seja, a determinação do significado abstrato, simbólico da imagem, a partir de elementos identificados na análise pré-iconográfica; e
- O terceiro nível, iconológico, se constrói baseado nos níveis anteriores, em que a interpretação estará ligada ao conteúdo da imagem, recebendo influências do

conhecimento, por parte do analista, sobre o ambiente cultural, artístico, político e social no qual a imagem foi gerada.

Panofsky (1979 apud SMIT 1996) utilizou uma imagem de fotografia simples para exemplificar os três níveis de análise de imagens, onde a imagem representava um homem segurando um chapéu levantado acima da cabeça. No que diz respeito ao primeiro nível de análise, o pré-iconográfico, a imagem remete ao homem e seu gesto (homem levanta o chapéu). Na análise do segundo nível, o iconográfico, a mesma imagem remete ao ato de cortesia. Por sua vez, o terceiro nível de análise de imagem, o iconológico, representaria o ato de cortesia na realidade social e cultural do local e da época em que a imagem foi gerada, remetendo a uma proposta de cortesia em certa classe social e dado momento histórico (PANOFSKY, 1979).

No que tange à análise iconológica da imagem, Smit (1996, p. 31) afirma que a mesma pode ser “assimilada à elaboração de um modelo ou teoria a ser validada, baseada na análise de imagem, mas cujo objetivo a ultrapassa, uma vez que se encontra fora da imagem”. Gardin (1973) afirma que a iconologia está voltada para a elaboração de teorias, o que a torna objeto da História ou da Crítica da Arte, Antropologia, Sociologia, por exemplo, ao mesmo tempo em que as outras análises (pré-iconográfica e iconográfica) encontram-se mais próximas da imagem, configurando-se como atividades de natureza documentária, uma vez que detalham seus componentes (pré-iconográfico) e nomeiam os seus agrupamentos (iconográfico).

Na concepção de Shatford (1986), a imagem pode ser concomitantemente genérica e específica. A exemplo disso, o autor nos mostra que a imagem de uma ponte que pode ser representada em uma categoria genérica de pontes, também poderá ser representada como uma ponte específica, tal como a Ponte das Bandeiras, em São Paulo.

Nesse sentido, Smit (1996) reforça que toda imagem poderá ser representada tanto em nível pré-iconográfico (genérico) quanto iconográfico (específico), de forma que um usuário poderá fazer sua pesquisa considerando qualquer aspecto da imagem. Seguindo essa ideia, Shatford (1986, p. 47) considera que o “usuário só pode formular suas necessidades informacionais em termos do que ele já conhece, ou seja, resgatando a terminologia de Panofsky: se um usuário só entende o sentido pré-iconográfico de uma imagem (p. ex.: ponte), ele não pode formular suas necessidades em termos iconográficos (p. ex.: Ponte das Bandeiras), muito embora imagens que tenham sentido iconográfico (a "Ponte das Bandeiras", ou sua vizinha, a "Ponte Cruzeiro do Sul") satisfaçam suas necessidades”.

Smit (1996) ressalta ainda que, apesar da diferença tênue entre o terceiro nível de análise de imagem e os outros níveis, essa diferença se torna indispensável para não perder de vista os objetivos da representação documentária da imagem, ou seja, a representação do seu conteúdo pré-iconográfico e iconográfico.

Além destes, outros dois fatores são necessários para se pensar a representação da imagem. Partindo da distinção de Panofsky (1979), Shatford (1986, p. 43) introduz na discussão o significado fatural à pergunta: A IMAGEM É DE QUÊ? e o significado expressivo da imagem à pergunta: A IMAGEM É SOBRE O QUÊ?

Pensando neste panorama, constata-se que o referente presente em uma imagem pode representar tanto um referente genérico quanto um referente específico. O exemplo da imagem da ponte descrito anteriormente pode ilustrar essa ideia, a partir da qual Smit (1996) aponta que a imagem mostra uma ponte (genérico), mas também mostra, forçosamente, a Ponte das Bandeiras em São Paulo (específico). Portanto, a referida autora constata que o reconhecimento do referente específico na imagem, ou seja, a Ponte das Bandeiras, em São Paulo, não é algo automático, pois se supõe que o usuário que a vê já tenha conhecimentos sobre o objeto em questão. Além disso, ainda reflete sobre a continuidade do referente específico na imagem, mesmo o usuário não o identificando como tal.

Smit (1996) resume a proposta de Shatford (1986) relacionada à teoria de Panofsky (1979), em que propõe um quadro teórico para a representação documentária de imagens, transpondo a distinção DE/SOBRE para o nível iconográfico, conforme descrito no Quadro 1.

**Quadro 1.** Comparação dos níveis de descrição de imagens propostos por Panofsky e Shatford.

PANOFSKY	Exemplo	SHATFORD	Exemplo
Nível pré-iconográfico, significado fatural.	Homem levanta o chapéu.	DE genérico.	Ponte.
Nível iconográfico, significado fatural.	Sr. Andrade levanta o chapéu.	DE específico.	Ponte das Bandeiras.
Níveis pré-iconográficos + iconográficos significado expressivo.	Ato de cortesia, demonstração de educação.	SOBRE.	Transporte urbano, São Paulo, Rio, Tietê, arquitetura, urbanização, etc.

Fonte: Smit (1996, p. 32).

Nas palavras de Shatford (1986) uma imagem pode ser específica ou genérica DE algo ou pode ser SOBRE algo. Neste sentido, o nível pré-iconográfico está ligado ao DE

(genérico) e o nível iconográfico está ligado ao DE (específico), enquanto que no terceiro nível, iconológico, a relação recai sobre o SOBRE. Manini (2002) apresenta essa diferenciação entre o DE e o SOBRE, estabelecidos por Shatford:

Na distinção entre o DE (Genérico e Específico) e o SOBRE, temos que o DE é mais objetivo e consensual; já o SOBRE mais subjetivo e de consenso limitado, estando esta limitação vinculada à polissemia da imagem e ao repertório do observador. O SOBRE é tudo o que não é imagem em si, embora ele “esteja” na imagem (MANINI, 2002, p.73).

Complementando esse pensamento, Smit (1996) aponta que estudiosos utilizam categorias informacionais QUEM, ONDE, QUANDO, COMO e O QUÊ como critérios para análises de textos e que estas categorias são também padronizadas para a utilização na análise documentária de imagens. Além disso, cita uma proposta de representação de imagens desenvolvida por Ginette Bléry em 1976, descrita no Quadro 2, por entender que a mesma introduz “[...] outra acepção para a categoria COMO, relacionando-a à técnica empregada para gerar a fotografia (p. ex., vista aérea, alto contraste, etc.)” (SMIT, 1996, p. 32).

**Quadro 2.** Categorias para análise documentária de imagens

<b>CATEGORIAS</b>	<b>REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS</b>
QUEM	Identificação do "objeto entocado": seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
ONDE	Localização da imagem no "espaço"; espaço geográfico ou espaço da imagem (p.ex. São Paulo ou interior de danceteria).
QUANDO	Localização da imagem no "tempo": tempo cronológico ou momento da imagem (p.ex. 1996, noite, verão).
COMO/O QUÊ	Descrição de "atitudes" ou "detalhes" relacionados ao "objeto enfocado", quando este é um ser vivo (p. Ex. cavalo correndo, criança trajando roupa no século XVII).

Fonte: Smit (1996, p. 32).

Desta forma, Shatford (1986) utiliza as mesmas categorias para a representação da imagem, introduzindo, em paralelo, uma distinção entre DE (genérico e específico) e SOBRE, como apresentado no Quadro 3. Por fim, o autor ainda ressalta que nem sempre as informações ligadas ao DE (genérico e específico) das categorias QUEM, ONDE, QUANDO

e O QUÊ serão asseguradas para a determinação do SOBRE, uma vez que este último será composto pela combinação de muitos outros elementos diferentes.

**Quadro 3.** Método para indexação de imagens elaborado por Shatford

<b>Categoria</b>	<b>Definição geral</b>	<b>DE genérico</b>	<b>DE específico</b>	<b>Sobre</b>
QUEM	Animado e inanimado, objetos e seres concretos.	Esta imagem é de quem? De que objetos? De que seres?	De quem, especificamente, se trata?	Os seres ou objetos funcionam como símbolos de outros seres ou objetos? Representam a manifestação de uma abstração?
	Exemplo	Ponte.	Ponte das Bandeiras.	Urbanização.
	Exemplo			Arquitetura dos anos 40.
ONDE	Onde está a imagem no espaço?	Tipos de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos.	Nomes de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos.	O lugar simboliza um lugar diferente ou mítico? O lugar representa a manifestação de um pensamento abstrato?
	Exemplo	Selva.	Amazonas.	Paraíso (supõe) um contexto que permita esta interpretação).
	Exemplo	Perfil de cidade.	Paris.	Monte Olimpo (como o exemplo anterior).
QUANDO	Tempo linear ou cíclico, datas e períodos específicos, tempos recorrentes.	Tempo cíclico.	Tempo linear.	Raramente utilizado, representa o tempo a manifestação de uma ideia abstrata ou símbolo?
	Exemplo	Primavera.	1996.	Esperança, fertilidade, juventude.
O QUE (O QUÊ)	O que os objetos e seres estão fazendo? Ações, eventos, emoções.	Ações, eventos.	Eventos individualmente nomeados.	Que ideias abstratas (ou emoções) estas ações podem simbolizar?
	Exemplo	Morte.	Pietà.	Dor (emoção).
	Exemplo	Jogo de futebol (ação).	Copa do Mundo 1995.	Esporte.

Fonte: Smit (1996, p. 33).

Para efeitos de análise documentária de imagens, Smit (1996) salienta que os procedimentos para a indexação da informação textual não podem ser transpostos para o documento fotográfico. Partindo desta ideia, a autora ressalta a importância de se analisar a imagem não apenas pelo seu conteúdo informacional, mas também pela sua forma, o que a autora denomina de expressão fotográfica. Assim, ao se referir à proposta de Shatford (1986), a Smit (1996) reforça o entendimento de que uma representação mais consistente do conteúdo informacional da imagem deve ser analisada à luz da tipologia da mesma.

A partir deste direcionamento, Manini (2002) ressalta que a análise documentária de imagens deve contemplar a diferenciação das categorias genérico/específico e que sua recuperação dependerá das categorias informacionais QUEM, ONDE, QUANDO, COMO e O QUÊ. Para complementar as categorias de análise de imagens, traz a inclusão da Dimensão Expressiva da imagem para a sua leitura documentária, contribuindo significativamente nas considerações de Smit (1996), Panofsky (1979) e Shatford (1994). Para tal, a autora evidencia que uma análise documentária de imagem não deve se ater apenas ao seu conteúdo informacional, devendo considerar-se a forma como a imagem foi produzida.

De acordo com a ideia de Manini (2002), a dimensão expressiva está ligada às técnicas adotadas para a produção da imagem, sobretudo, para a complementação de informações nas imagens fotográficas. Para exemplificar, o Quadro 4 apresenta a categoria Dimensão Expressiva criada pela autora, tornando-se um importante avanço metodológico para os estudos dedicados ao tema, a saber:

**Quadro 4.** Grade de análise documentária de imagens fotográficas

CONTEÚDO INFORMACIONAL				
CATEGORIA	DE		SOBRE	DIMENSÃO EXPRESSIVA
	Genérico	Específico		
<b>Quem/O quê</b>				
<b>Onde</b>				
<b>Quando</b>				
<b>Como</b>				

Fonte: Manini (2002, p. 105).

Conforme o exposto, observa-se que Manini (2002) cruza as categorias de análise documentária de imagens QUEM/O QUÊ, ONDE, QUANDO e COMO com as categorias DE genérico e DE específico, resultando, assim, em oito categorias, a saber: QUEM/O QUÊ genérico, QUEM/O quê específico, ONDE genérico, ONDE específico, QUANDO genérico, QUANDO específico, COMO genérico e COMO específico. Além disso, o Quadro 4 nos mostra que as categorias SOBRE e DIMENSÃO EXPRESSIVA não fazem o cruzamento com a categoria DE. No total, a grade documentária proposta por Manini (2002) apresenta dez categorias informacionais para analisar imagens fotográficas.

Adaptando um quadro de Smit (1996) sobre análise documentária de imagens fotográficas, Manini (2002) insere a Dimensão Expressiva para se referir aos efeitos especiais de imagens. Lopes (2006, p. 207) aponta que a dimensão expressiva proposta por Manini (2002) “[...] contribui para a identificação de dados técnicos sobre a imagem, os quais complementam e ampliam o conjunto de descritores que serão utilizados para representar a fotografia [...]”. Esta categoria tem por finalidade facilitar o acesso das fotografias que melhor atendam às necessidades dos usuários em acervos fotográficos, conforme o Quadro 5.

**Quadro 5.** Variáveis da dimensão expressiva

<b>RECURSOS TÉCNICOS</b>	<b>VARIÁVEIS</b>
Efeitos especiais	fotomontagem; estroboscópio; alto-contraste; trucagens; esfumação; etc.
Ótica	utilização de objetivas (fish-eye, lente normal, grande angular, teleobjetiva, etc.); utilização de filtros (infravermelho, ultravioleta, etc.)
Tempo de Exposição	instantâneo; pose; longa exposição; etc.
Luminosidade	luz diurna; luz noturna; contraluz; luz artificial; etc.
Enquadramento	enquadramento do objeto fotografado (vista parcial, vista geral, etc.); enquadramento de seres vivos (plano geral. Médio, americano, close, detalhe); etc.
Posição da Câmera	câmara alta; câmara baixa; vista aérea; vista submarina; vista subterrânea; microfotografia eletrônica; distância focal (fotógrafo/objeto); etc.
Composição	retrato; paisagem; natureza morta; etc.
Profundidade de Campo	com profundidade: todos os campos fotográficos nítidos) diafragma mais fechado); sem profundidade: o campo de fundo sem nitidez (diafragma mais aberto).

Fonte: Manini (2002, p. 91).

Todos os métodos de descrição fotográfica têm como objetivo a recuperação e a preservação da memória do acervo, e para que isso ocorra, deve-se ter conhecimento de como tais métodos podem ser adotados e como serão aplicados. As diversas técnicas dedicadas à descrição fotográfica visam suprir a necessidade específica de cada documento fotográfico/usuário, assim como cumprir com os objetivos da instituição onde o acervo está localizado.

Porém, deve-se levar em consideração a homogeneidade do acervo, ou seja, os bibliotecários indexadores deverão escolher o melhor método para trabalhar e criar diretrizes a partir dele. Isso garantirá a padronização no processo de representação das imagens e como consequência uma melhor recuperação dos documentos ali disponíveis.

## **2.2 Folksonomia: ampliando as possibilidades de representação da informação no ambiente digital**

Catarino e Baptista (2007) ressaltam que ainda não há uma conceituação única do real significado sobre Folksonomia, além de serem recentes as pesquisas na Ciência da Informação brasileira dedicadas ao tema.

De acordo com Rodrigues (2010), na literatura sobre folksonomia, encontram-se duas linhas de pensamento, sendo a primeira voltada para a folksonomia como produto de atividade de etiquetagem do usuário, como ressaltam os autores Wal (2007), Lund (2005), Mathes (2004), dentre outros. A segunda linha de pensamento aborda a folksonomia como uma nova abordagem para sistemas de classificação, como um sistema, um novo paradigma de indexação da informação na *Web*, como ressaltam os autores Russel (2005), Guy e Tonkin (2006), Quintarelli (2005), Ohmukai (2006), dentre outros.

Esta pesquisa utilizará a compreensão de folksonomia como sendo um processo e produto relacionados à atividade de descrição de conteúdos digitais pelos usuários no ambiente digital, sendo a partir deste enfoque apresentados os conceitos e ações que melhor representam os termos etiqueta e etiquetagem aqui apresentados. Deste modo, o termo etiqueta (*tag*) será conceituado como a palavra-chave utilizada pelo usuário na representação do recurso que está em uso ou que tenha sido utilizado. Enquanto o termo etiquetagem (*tagging*) representará o produto da atividade do usuário quanto à ação de etiquetar produtos. O processo de etiquetagem está presente na folksonomia ao utilizar o recurso etiqueta como

uma interação do próprio usuário com aquilo que está sendo armazenado ou recuperado pelo mesmo. Desse modo, pode-se dizer que a etiqueta é o produto deste processo.

Como já mencionado, a folksonomia é uma maneira de indexar informações digitais pelos usuários no âmbito da *Web*. Segundo Amstel (2007), a expressão folksonomia, cunhada por Thomas Vander Wal, surgiu em 2004 como uma terminologia em uma lista de discussão sobre arquitetura da informação. Segundo Santos (2016), na lista de discussão, Eric Sheid propôs o termo “*folkclassification*” e Thomas Wander Wal complementou com “*folksonomy*”, formando o termo “*folk*” do inglês “povo” e “*taxonomy*”, do inglês “taxonomia”.

Wal (2005) compreende folksonomia como sendo o resultado da atribuição livre e pessoal de etiquetas a qualquer coisa com URL, visando à sua recuperação. Para o autor, a folksonomia permite que os usuários da *Web* utilizem descritores a partir de suas linguagens e criação de *tags* para representar, categorizar ou classificar suas informações no intuito de conectar itens informacionais em meio digital, sejam apresentados por meio de textos, imagens, vídeos, áudios ou qualquer outro formato.

Seguindo essa temática, Santos e Corrêa (2015) versam sobre a folksonomia como resultado do processo de etiquetagem livre em ambientes colaborativos da *Web*, uma vez que os usuários utilizam termos provenientes da linguagem natural em ambientes digitais, descartando, assim, o auxílio de vocabulários controlados.

Para Moreiro González (2011), a folksonomia pode ser entendida como produto da “classificação cooperativa que adota palavras-chave para representar a informação de maneira espontânea e livre”. Assim, a folksonomia figura como sendo uma classificação social e livre, pois a partir do seu próprio vocabulário os usuários do ambiente digital se tornaram ativos nos processos de representação da informação, utilizando (*tags*) ou etiquetas para organizar os conteúdos disponibilizados na rede, o que difere das tradicionais formas de representação do conhecimento. Nas palavras de Catarino e Baptista (2007, p. 3), “o ato de etiquetar é do próprio usuário da informação, [...] não é o autor nem o profissional de indexação que indexam o recurso da *Web*; é o próprio usuário”.

Os conteúdos indexados na Internet são expressos através de termos. Enquanto o especialista da informação representa-os da maneira mais objetiva possível, através do uso de descritores, o usuário utiliza da subjetividade para representá-los mediante o emprego de *tags*. Para Lacerda e Valente, (2007), as *tags* utilizadas pelos usuários para a representação da informação na *Web* são palavras, siglas ou outros códigos pessoais que expressam o conteúdo

presente nos documentos a partir de suas próprias perspectivas. Pode-se dizer que são espécies de palavras-chave para as informações e são subjetivas, pois são representativas para aquele usuário quando as atribui, dentro do contexto específico em que ele está inserido, podendo, assim, permitir que o usuário determine um número ilimitado de *tags* a um objeto ou recurso informacional. Além disso, Assis e Moura (2013) complementam a descrição das *tags* ao constatarem que elas demonstram a linguagem compartilhada e modelada em ambientes colaborativos digitais (redes sociais), como algo que é transmitido de maneira constante pelos usuários.

Barros (2011) mostra que o próprio conceito de *tags* indica a não padronização de conceitos por parte dos usuários, pois enquanto um vocabulário controlado atribui um conceito único ao termo através de um sistema lógico-semântico e do uso de remissivas, as *tags* dão a liberdade de expressão coloquial. Ou seja, não haverá conversão de palavras da linguagem natural para a linguagem artificial. Não há também a imposição de uma quantidade mínima de *tags* para a representação de um documento.

Neste sentido, o usuário assume um papel significativo na *Web* atual, uma vez que não é orientado por regras ou modelos para representar os seus conteúdos digitais, o que torna a folksonomia uma linguagem “descontrolada”.

A folksonomia atua sobre o hipertexto, modificando o processo de criação dos links ao permitir que qualquer internauta participe desse processo e o faça considerando a semântica das informações etiquetadas. Funciona como um vocabulário descontrolado, já que não possui nenhuma espécie de controle e pode crescer sem limites, mas isso não quer dizer que o esquema seja uma total desordem (AQUINO, 2008, p. 3007).

De acordo com Wal (2005), existem características e elementos em seu sistema, como: a pessoa que atribui as *tags*; o objeto marcado em si (como um documento de texto, de imagem, fotografias, vídeo, etc.); e a marca atribuída ao objeto (*tag*). A partir deste entendimento, Flores e Massoni (2017) apresentam uma ilustração que evidencia os principais elementos que caracterizam um sistema folksonômico, a saber|:

**Imagem 1.** Elementos da Folksonomia



Fonte: Flores e Massoni (2017).

No ambiente digital, as mídias e redes sociais possuem um sistema folksonômico que permite a navegação dos usuários pelos conteúdos depositados através das *tags*, favorecendo a recuperação e o compartilhamento de informações pelos usuários desses ambientes. Um dos exemplos utilizados por *sites* na apresentação de *tags* é a chamada “*tag cloud*” ou “nuvem de *tags*” que consiste na apresentação dos termos atribuídos pelos usuários, em que a incidência da utilização desses termos estará ligada ao tamanho da fonte ao apresentar as *tags*. Assim, quanto maior a fonte, maior o número de documentos representados por aquela *tag*, conforme o exemplo de nuvem de *tags* apresentado a seguir:

**Imagem 2.** Exemplo de nuvem de *tags*



Fonte: Iramuteq (2018).

Del.ici.ous e Flickr foram os primeiros *sites* a favorecerem a representação colaborativa da informação mediante a atribuição e compartilhamento de *tags* entre os seus usuários. Apesar de serem voltados para diferentes necessidades e tipos de usuários, os referidos ambientes potencializaram novas formas de apropriação e representação da informação ao permitirem que seus usuários tivessem uma maior interação com os conteúdos que acessam a partir da criação de termos representativos do conteúdo publicado, de maneira que fossem recuperados posteriormente pelo próprio usuário ou, ainda, por outros usuários que procurassem informações nesse tipo de ambiente.

Apesar de possuir características subjetivas e individuais, o processo de atribuição de *tags* traz com ele a acessibilidade em um ambiente livre, além de permitir a recuperação do objeto digital por outros usuários. Ou seja, agrega-se coletividade à representação da informação no ambiente digital. Wal (2005) aponta que ao possuir dois elementos do sistema folksonômico, consegue-se identificar o terceiro: no caso, um usuário que busca por certo documento através de uma *tag* conseguirá ter contato com os outros usuários que compartilham dos mesmos interesses e/ou vocabulário. O processo pode utilizar outros elementos do sistema, como por exemplo, (:) através de um usuário e um documento publicado por ele, podem-se identificar outras *tags* que ajudarão na recuperação de outros documentos de interesse possível/comum.

A folksonomia é uma maneira significativa de indexação social em ambientes digitais, fazendo-se necessária a vinculação de documentos em tópicos (VIEIRA; GARRIDO, 2011). Porém, como todo processo de classificação, existem vantagens e desvantagens para o uso da folksonomia como prática de representação colaborativa da informação em ambientes digitais.

Uma das vantagens dos sistemas baseados em folksonomia é o *feedback* imediato que traz com ele a independência de atribuição de etiquetas, ou seja, ao atribuir uma *tag* para representar o seu conteúdo informacional, o usuário tem a oportunidade de identificar as *tags* que foram utilizadas por outro usuário para representar o mesmo tipo de informação. Mathes (2004) diz que esta ação de atribuir etiquetas mostra a relação entre os usuários de sistemas folksonômicos que irão mediar os significados baseando-se na interação entre os mesmos. Para Udell (2004), a ação de troca de etiquetas não precisas, pelo próprio usuário, por outras que melhor representem o documento é algo positivo, uma vez que, ao compararmos esse esquema com sistemas que gerenciam conteúdos, os mesmos irão depender de profissionais e regras para que haja uma atualização ou modificação de termos utilizados na recuperação de documentos.

Mathes (2004) afirma que os sistemas folksonômicos tem outra vantagem: a causalidade, ou seja, a pesquisa através das *tags* já estabelecidas por outros usuários abre caminho para a recuperação de materiais e documentos inesperados, uma vez que a causalidade está associada à capacidade de atualização dos sistemas folksonômicos. Ademais, Quintarelli (2005) aponta que a falta de controle desses sistemas gera a habilidade de adaptação rápida dos vocabulários às necessidades dos usuários.

Sobre isso, Barros (2011) aponta que a folksonomia não se resume à criação de *tags* para utilização apenas pessoal, pois assim como a informação, os usuários também são objetos de agregação, e etiquetas que não sugerem interação coletiva em um ambiente social se tornam palavras-chave que não possuirão significado para outros usuários além de seu próprio criador. Na ótica do autor, dada a atribuição de etiquetas por um determinado usuário, o mesmo pode formar comunidades, com outros usuários (que) dividem os mesmos interesses, gerando uma vantagem para a folksonomia, visto que esse usuário acaba tendo uma aproximação com outros que compartilham dos mesmos assuntos de interesse (BARROS, 2011).

Destacam-se outros pontos positivos no uso da folksonomia, de acordo com a literatura utilizada nesta pesquisa:

- Os recursos etiquetados são acessados por qualquer computador conectado na rede, uma vez que estão todos disponibilizados na *Web*;
- Não havendo profissionais especializados para classificar e organizar os conteúdos, a folksonomia acaba tendo um baixo custo;
- Aumento de usuários classificadores de conteúdo; e
- Aumento de conteúdos produzidos por vários usuários com interesses no mesmo assunto em um curto período de tempo.

Como desvantagens, os autores Catarino e Baptista (2009) destacam que o maior problema nos sistemas folksonômicos é a ausência de vocabulários controlados, visto que uma de suas características é a liberdade na classificação dos assuntos. Assim, de acordo com esse ponto de vista, a falta de vocabulários controlados se torna uma vantagem e uma desvantagem para a folksonomia.

Guy e Tonkin (2006) ressaltam que a imprecisão dos termos para etiquetar os conteúdos, estes derivados da liberdade de atribuição de etiquetas, é algo que afeta a posterior

recuperação pelos usuários, o que se entende como uma desvantagem para a folksonomia. Os autores apontam que a atribuição dos termos pelos usuários acaba sendo frequentemente ambígua, personalizada e inexata, formando um conjunto confuso de termos que acabará prejudicando o resultado da recuperação da informação.

Para Barros (2011), outra desvantagem é a falta de controle de polissemias e ambiguidade quando se representa um objeto com termos simples e compostos, no singular e plural, e termos que apresentam significado apenas para uma comunidade específica de usuários. Como contribuição ao debate, o autor apresenta uma sistematização sobre as principais vantagens e desvantagens que sistemas folksonômicos podem vir a apresentar, descritas no Quadro 6, a saber:

**Quadro 6.** Vantagens e Desvantagens

<b>VANTAGENS</b>	<b>DESVANTAGENS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• independência para classificar;</li> <li>• reflete o vocabulário do próprio usuário</li> <li>• baixo custo;</li> <li>• não é necessário aprender um vocabulário controlado;</li> <li>• permite encontrar conteúdos inesperados devido a (à) conexão das etiquetas;</li> <li>• diminui as barreiras para a cooperação;</li> <li>• cunho colaborativo/social;</li> <li>• formação de comunidades em torno de interesses em comum;</li> <li>• conteúdos disponíveis na <i>web</i>, acesso de qualquer lugar;</li> <li>• possibilita o compartilhamento de conhecimento entre usuários; e</li> <li>• pessoas e a relação termo/significado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• inconsistência e ambiguidade nos termos;</li> <li>• polissemia: mesma palavra com muitos significados;</li> <li>• sinonímia: palavras diferentes com o mesmo significado;</li> <li>• erros de ortografia e digitação;</li> <li>• termos imprecisos ou irrelevantes;</li> <li>• personalização de termos;</li> <li>• termos no singular, plural, simples ou compostos;</li> <li>• termos sem associações hierárquicas; e</li> <li>• termos permanecem ou são retirados das páginas dos sites conforme a vontade dos usuários.</li> </ul>

Fonte: Barros (2011)

Após a análise literária do referido assunto, destaca-se a coletividade como a principal vantagem dos sistemas folksonômicos. A classificação colaborativa abrange a criação de mais metadados que aumentam a revocação de documentos de interesse. Porém, percebe-se a necessidade de apontar a falta de controle de vocabulário como a principal desvantagem desses sistemas, já que a liberdade de expressão pode interferir na recuperação exata dos conteúdos requisitados.

Além disso, outro dilema na recuperação de objetos informacionais eletrônicos indexados no processo da folksonomia diz respeito à motivação do usuário. De acordo com os

estudos de Cañada (2006), existem quatro tipos de motivações para o usuário atribuir as suas etiquetas para representar os seus documentos através do processo folksonômico, quais sejam: **motivação egoísta**: neste caso, a motivação do usuário (indexador) é egocêntrica, em que classifica os documentos digitais com etiquetas que somente ele conhece; **motivação amigável**: neste caso, sua motivação é amigável, pois visa atribuir etiquetas conhecidas pelo seu grupo social. Neste tipo de motivação, o usuário acaba facilitando a recuperação dos recursos etiquetados para outros usuários, contudo, o benefício da recuperação estará restringido para outros grupos; **motivação altruísta**: neste caso, sua motivação é baixa, uma vez que acaba adotando padrões de etiquetas com o objetivo de beneficiar outros usuários quanto à recuperação dos itens informacionais, tornando essa tarefa árdua; **motivação populista**: neste caso o usuário (indexador) tem uma motivação alta, uma vez que classifica os seus recursos informacionais com etiquetas consideradas mais atraentes para os outros usuários, com o intuito de obter mais acesso, como é o caso da *tag* *sexo*, por exemplo.

Para Nascimento (2008), a eficiência da recuperação da informação se torna inútil neste tipo de classificação e afirma que mesmo com as suas limitações, a folksonomia tem a capacidade de se adaptar de forma rápida às mudanças e às necessidades inerentes ao vocabulário do usuário, sem custo para ele ou para o sistema de recuperação de informação.

Os estudos que tem como base as redes sociais e a indexação social mostram o quanto os recursos da folksonomia são importantes para ambientes digitais em relação aos processos de organização e recuperação de acervos fotográficos. Apesar da complexidade que existe na indexação de imagens e a subjetividade que esta possui, os estudos dedicados ao tema apresentam métodos adaptados que podem ser utilizados em diversas instituições, em que a indexação será realizada por profissionais indexadores, mas também para acervos em redes sociais, sendo o próprio usuário o autor e indexador.

Esses métodos aumentaram as possibilidades de aplicação, não estando mais restritos apenas às unidades de informação ou acervos privados. Como exemplos de trabalhos, podemos citar a pesquisa da Marques e Nascimento (2009) que apresentam uma proposta de indexação para imagens fotográficas de acervos pessoais de usuários leigos. Para tanto, baseiam-se nos modelos de indexação de imagens de Erwin Panofsky, Corinne Jörgensen e Sara Shatford. Ainda, como outro exemplo, citamos o artigo de Nobrega e Manini (2016) que analisa a folksonomia sob a perspectiva da indexação de imagens fotográficas em um estudo de caso nas redes sociais Flickr e Instagram.

Santos (2013), ao realizar uma comparação entre a folksonomia e a indexação de assunto, mostra que os dois procedimentos estão naturalmente correlacionados em uma identidade fundamental, ou seja, ambos possuem os mesmos objetivos e resultam no mesmo tipo de produto. Este produto de informação tem como objetivo organizar e possibilitar o acesso ao conteúdo representado. Ao finalizar o processo de indexação, o produto final pode ser um catálogo, índice, palavra-chave etc, enquanto na folksonomia o produto final será uma etiqueta (*tag*). Apesar de serem construídos de maneiras diferentes, índices, catálogos, palavras-chave e etiquetas tem uma mesma finalidade: representar, organizar e recuperar o conteúdo desejado.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de investigar a etiquetagem de fotografias na rede social Instagram e sua relação com os princípios da análise documentária de imagens fotográficas, conduziu-se um estudo exploratório e descritivo de abordagem qualitativa que se vale da pesquisa bibliográfica e da técnica de coleta de dados para oferecer maior entendimento sobre o tema. Portanto, a primeira etapa consistiu em um amplo levantamento bibliográfico para compreender os fenômenos pesquisados e ter familiaridade com as atuais discussões teóricas no campo da informação.

Para tanto, a pesquisa bibliográfica foi conduzida a partir de coleta de documentos digitais em formato de artigo científico, teses, dissertações, livros e demais documentos disponíveis na Base de Dados de Ciência da Informação (BRAPCI), repositórios institucionais de acesso aberto e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Foram empregues os termos “folksonomia”, “classificação social”, “indexação social”, “representação colaborativa da informação”, “indexação de imagens”, “fotografia”, “imagens digitais”, “análise documentária de imagens”, além de outros termos sinônimos. A partir da leitura do título e resumo, todos os documentos relacionados aos temas aqui trabalhados foram selecionados para a leitura e interpretação, cuja manobra resultou na elaboração do capítulo 2 deste trabalho.

Já a segunda etapa – estudo descritivo, foi conduzida para cumprir com o terceiro objetivo específico – Comparar a análise de etiquetagem de fotografias de usuários da rede social Instagram com as categorias de indexação de imagens identificadas.

Para o desenvolvimento desta segunda etapa, decidiu-se utilizar como instrumento de pesquisa uma adaptação feita por Barbosa (2015) do quadro de análise documentária de fotografias proposto por Manini (2002), uma vez que Manini (2002) fundamenta a sua metodologia nos pressupostos teóricos de Shatford (1986), além de contribuir com uma nova categoria de indexação de imagens ao adaptar a Expressão Fotográfica discutida por Smit (1996) em Dimensão Expressiva. Desta forma, a análise documentária de imagens proposta por Manini (2002) contempla todos os aspectos da fotografia, uma vez que a análise documentária de imagem não deve se ater apenas ao seu conteúdo informacional, mas, também, à forma como a imagem foi produzida. Ressalta-se que o instrumento de pesquisa utilizado para análise desta pesquisa, foi adaptado do quadro de análise documentária de

fotografias de Manini (2002), por Barbosa (2015) em sua pesquisa que buscou identificar as práticas de indexação de imagens em ambiente digital.

A escolha deste instrumento visa responder a seguinte pergunta de investigação: Em que medida as práticas de folksonomia adotadas pelos usuários em redes sociais se aproximam das concepções propostas pela análise documental de imagens fotográficas discutidas pela literatura especializada da Ciência da Informação brasileira? Sendo assim, para compor o *corpus* da pesquisa foram realizadas coletas de fotografias do perfil *greenpeacebrasil*<sup>1</sup>(,) disponível na rede social *on-line* Instagram. Dos milhões de perfis existentes na rede social Instagram, o perfil do Greenpeace Brasil foi escolhido não somente por contemplar metodologicamente esta pesquisa, mas também por sua importância em relação ao ativismo ambiental no país.

O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) divulgou em 2019 a estimativa da taxa de desmatamento por corte raso para a Amazônia Legal, esses dados mostraram um aumento de 29,54% em relação ao ano anterior. Com uma estimativa de 9.762km<sup>2</sup> de áreas desmatadas, o ano de 2019 teve a maior taxa registrada de desmatamento da Amazônia Legal dos últimos 10 anos. Além disso, o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM) realizou uma pesquisa analisando dados referentes às queimadas que ocorreram no território da Amazônia Legal em 2019. Foram registrados, até agosto de 2019, 32.728 focos de incêndio, esses dados apontaram um aumento de 60% dos focos de incêndio na média dos últimos três anos e em alguns estados com seu território na Amazônia Legal, as ocorrências de incêndios tiveram o maior índice dos últimos 4 anos.

Outros incidentes como o derramamento de óleo no litoral do país, os desastres em Brumadinho e Mariana estamparam as notícias da mídia nacional e internacional, chamando mais atenção para a situação do meio ambiente brasileiro e a crise em que o mesmo se encontrava. Organizações governamentais e não governamentais como o Instituto de Pesquisas Ecológicas, Instituto Socioambiental, SOS Mata Atlântica e o Greenpeace Brasil, voltadas para pautas ambientais e preservação, usaram sua experiência, visibilidade em redes sociais e conhecimento para ajudar de maneira positiva o meio ambiente brasileiro.

O Greenpeace Brasil é uma organização não governamental que atua em questões relacionadas ao meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável. De acordo com o *site* do Greenpeace, a ONG está situada em mais de 60 países atuando em prol da proteção da natureza, transformação da sociedade e inspiração de pessoas a se envolverem no movimento.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/greenpeace/?hl=pt-br>>. Acesso em: 17/07/2019.

A Organização Não Governamental (ONG) utiliza meios de comunicação de massa para divulgarem informações sobre suas campanhas ambientais a fim de sensibilizar as pessoas sobre a importância do ativismo ambiental. Dentre esses canais, o Greenpeace conta com um *site* principal que divide sua localidade por países que divulgam seus trabalhos de sensibilização e lutas contra impactos ambientais causados pela ação humana. Além de publicidade para a TV e Internet, contam também com *podcasts*, perfil no Facebook, conta no Twitter e perfis na rede social Instagram, este último objeto deste estudo.

Ainda, a escolha deste perfil para a coleta das fotografias se justifica pelo fato de que o perfil Greenpeace Brasil estabelece formas de visibilidade às imagens publicadas para mais de 780 mil pessoas, através do uso de *hashtags* para representarem as imagens fotográficas compartilhadas, fator importante que possibilita as práticas de indexação de imagens fotográficas através do processo de folksonomia.

Os procedimentos metodológicos adotados são de caráter documental, uma vez que constituem-se pela obtenção de dados de maneira indireta através da seleção da fotografia mais curtida em cada mês no período de janeiro a dezembro de 2019, coletadas no perfil Greenpeace Brasil da rede social Instagram (GIL, 2008, p. 47).

### 3.1 Instrumento de pesquisa

Como já mencionado, utilizou-se como instrumento de pesquisa uma adaptação do quadro de análise documentária de imagens, proposta por Manini (2002) e apresentada por Barbosa (2015), a saber:

**Quadro 7.** Quadro para coleta de dados

CATEGORIAS										
Imagem	Quem/O que		Onde		Quando		Como		SOBRE	Dimensão Expressiva
	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.		

Fonte: Barbosa (2015), com base em Manini (2002).

Escolheu-se a fotografia com mais curtida de cada mês no período de janeiro a dezembro de 2019. Foram selecionadas 12 imagens para a análise. Coletaram-se as etiquetas

atribuídas através do processo de folksonomia a cada uma das imagens selecionadas. Após a coleta, as *tags* foram analisadas e interpretadas em relação às imagens às quais elas se referem, bem como (em relação) à respectiva legenda e comentários dos usuários. As etiquetas foram então distribuídas entre as categorias correspondentes com a adaptação da grade de análise documentária de imagens fotográficas proposta por Manini (2002).

Os dados foram sistematizados e interpretados para responder à pergunta de pesquisa. Assim, a análise dos dados obtidos permitiu a relação do processo folksonômico com as teorias da indexação de imagem fotográficas elaborada por Manini (2002), permitindo a ligação entre a presente pesquisa com a literatura sobre o tema.

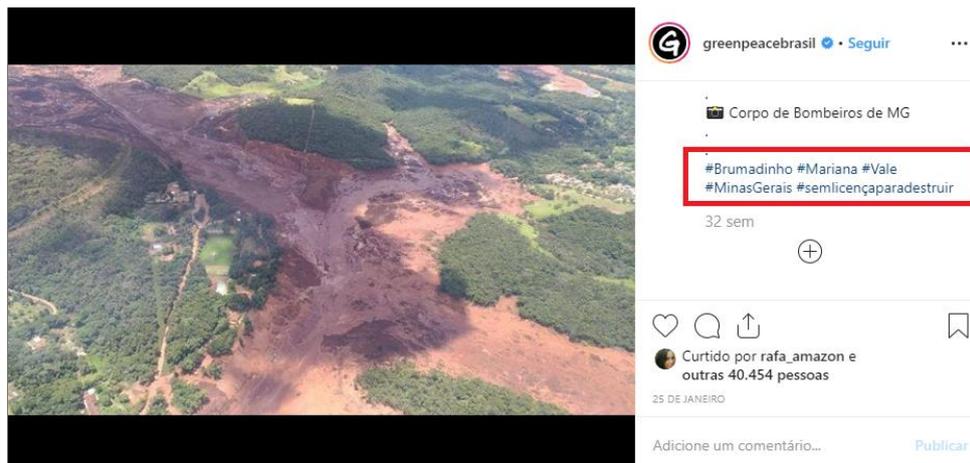
## 4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Este capítulo apresenta de forma pormenorizada os resultados obtidos com a etapa de análise e interpretação do *corpus* de pesquisa.

Como já mencionado, a escolha das fotografias se deu através do processo de popularidade das mesmas, ou seja, a fotografia com mais curtida em cada mês no período de janeiro a dezembro de 2019. Foram selecionadas 12 fotografias para a análise. As *hashtags* que representam essas fotografias foram sistematizadas na grade de análise documentária de imagens fotográficas.

Para fins de compreensão, apresenta-se a seguir a análise e discussão das doze fotografias selecionadas para demonstrar a aplicabilidade na metodologia, a saber:

**Imagem 3.** Fotografia do mês de janeiro



Fonte: Fotografia do perfil GreenPeace Brasil da rede social Instagram

**Quadro 8.** Dados da fotografia do mês de janeiro

Imagem	CATEGORIAS									Dimensão Expressiva
	Quem/O que		Onde		Quando		Como		SOBRE	
	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.		
3		#Vale	#MinasGerais	#Brumadinho #Mariana					#semlicençaaparadestruir	

Fonte: Dados da pesquisa.

A Imagem 3<sup>2</sup> apresenta a primeira fotografia selecionada para compor a análise deste trabalho. Trata-se de uma fotografia publicada no mês de janeiro e que recebeu 5 *hashtags* para representá-la, sendo: #Vale, #MinasGerais, #Brumadinho, #Mariana e #semlicençaparadestruir.

Observa-se que o perfil Greenpeace Brasil, ao atribuir as *hashtags*, fez uma descrição sobre o local da fotografia. A *hashtag* #MinasGerais foi contemplada na categoria Onde (Genérico), tal categoria refere-se à “localização da imagem no ‘espaço’: espaço geográfico ou espaço da imagem (p. ex. São Paulo ou interior de danceteria)” (SMIT, 1996, p.32). Além disso, as *hashtags* #Brumadinho e #Mariana foram contempladas com a categoria Onde (Específico), uma vez que se trata de localizações geográficas específicas como, por exemplo, cidades. Percebe-se que ao atribuir tais *hashtags*, o perfil do Greenpeace Brasil demonstra uma estratégia elaborada de organização e disseminação da imagem.

Ainda, foi atribuída a *hashtag* #Vale, que na presente análise foi contemplada na categoria Quem/O quê (Específico), sendo que a atribuição da *hashtag* demonstra que o analista tinha um conhecimento prévio sobre a imagem fotográfica.

Nota-se que a *hashtag* #semlicençaparadestruir foi atribuída na categoria SOBRE, uma vez que remete aos aspectos subjetivos da imagem. Manini (2002, p. 104) relata que esse tipo de categorização não é usado por Smit (1996) para cada categoria de perguntas feitas à imagem (quem, o quê, quando, onde, como). A autora ressalta que o SOBRE é “[...] uma síntese, nomeada a partir de um ou vários conceitos abstratos e que pode ser deduzida a partir de vários componentes da imagem, distribuídos por diferentes categorias informacionais”. Assim, ao representar a imagem com a *hashtag* #semlicençaparadestruir, o usuário indexador já espera um certo nível de contextualização sobre o assunto representado na imagem publicada por parte de outros usuários seguidores da página ou que irão realizar a busca com (o) termo supracitado.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BtEWjeABOIV/>>. Acesso em 16/08/2019

### Imagem 4. Fotografia do mês de fevereiro



Fonte: Fotografia do perfil GreenPeace Brasil da rede social Instagram

### Quadro 9. Dados da fotografia do mês de fevereiro

CATEGORIAS										
Imagem	Quem/O que		Onde		Quando		Como		SOBRE	Dimensão Expressiva
	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.		
4	#bombeiros	#bombeirocivil		#Brumadinho					#SOSBrumadinho #FoiCrime #greenpeacebr	

Fonte: Dados da pesquisa.

A imagem 4 apresenta uma mulher vestida com o uniforme dos bombeiros chorando. Ela está em primeiro plano e ao fundo da imagem, há várias pessoas segurando cartazes. Ao observar a Imagem 4<sup>3</sup>, notam-se as seguintes atribuições de *hashtags* para a representação da imagem: #bombeiros, #bombeirocivil, #Brumadinho, #SOSBrumadinho, #FoiCrime e #greenpeacebr.

A análise permitiu uma série de informações sobre a forma como a fotografia foi representada no processo da folksonomia. Observando o Quadro 3, percebe-se que a *hashtag* #bombeiros está atribuída à categoria Quem/O quê (genérico), o que facilita na identificação,

<sup>3</sup> Disponível em: < [https://www.instagram.com/p/Bta\\_cylB6IT/](https://www.instagram.com/p/Bta_cylB6IT/)>. Acesso em 16/08/2019

de forma genérica, do objeto focado. Neste caso, o objeto focado é uma mulher com o uniforme de bombeiros que está no primeiro plano da imagem, o que constitui o referente da imagem. Nota-se, também, que a imagem recebeu a *hashtag* #bombeirocivil, o que demonstra uma atenção precisa do indexador da página. A *hashtag* foi atribuída à categoria Quem/O quê (Específico), pois se trata de uma especialidade da profissão.

Além disso, o indexador também representou a imagem com a *hashtag* #Brumadinho. Na análise, essa *hashtag* foi atribuída na categoria Onde (específico), em que “essa categoria contempla a ‘localização da imagem no ‘espaço’: espaço geográfico ou espaço imagem” (SMIT, 1996, p.32). De um modo geral, a categoria Como (genérico) refere-se à indicação de Estados e Países, como #pernambuco, #matogrossodosul, #brasil e #austrália. Para a categoria Como (específico), são atribuídas *hashtags* relacionadas às indicações geográficas específicas como, por exemplo, #paraty e #belohorizonte.

Ao se atribuir a *hashtag* #Brumadinho, a mesma é contemplada na categoria Como (específico), uma vez que se refere a uma cidade específica do estado de Minas Gerais. Neste caso, o uso da *hashtag* #Brumadinho adiciona informação de contexto que não está presente na fotografia. Contudo, apresenta um método elaborado de organização e disseminação da fotografia.

Na imagem, as *hashtags* #SOSBrumadinho, #FoiCrime e #greenpeacebr não representam o referente da imagem, porém estão relacionadas com o conteúdo intrínseco da fotografia. As *hashtags* #SOSBrumadinho e #FoiCrime expressam o sentimento do analista em relação ao conteúdo da imagem. Isso mostra que essa etiqueta é significativa para o usuário que a indexou, representando o julgamento do mesmo para a fotografia.

Para Manini (2002), a mediação da informação quando feita através de uma imagem sempre assumirá uma leitura subjetiva, devido à polissemia presente em sua interpretação, ao passo que cada usuário indexará uma determinada imagem baseando-se no contexto em que está inserido, seja ele ideológico, cultural, moral, étnico etc.

**Imagem 5.** Fotografia do mês de março



Fonte: Fotografia do perfil GreenPeace Brasil da rede social Instagram

**Quadro 10.** Dados da fotografia do mês de março

CATEGORIAS										
Imagem	Quem/O que		Onde		Quando		Como		SOBRE	Dimensão Expressiva
	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.		
5						#DiaDaAgua			#SemFlorestaSemVida #SemFlorestaSemAgua #DesmatamentoZero #aquecimento global #mudançasclimáticas	

Fonte: Dados da pesquisa.

A imagem 5<sup>4</sup> foi a mais popular do mês de março, recebendo o total de seis *hashtags* para representá-la. As *hashtags* atribuídas para esta imagem foram: #DiaDaAgua, #SemFlorestaSemVida, #SemFlorestaSemAgua, #DesmatamentoZero, #aquecimento global e #mudançasclimáticas.

Nota-se que cinco *hashtags* foram relacionadas com a categoria SOBRE, evidenciando a prática de etiquetagem por parte do indexador do perfil Greenpeace Brasil na questão da subjetividade da imagem. Essa prática de representação da imagem, mais uma vez, aponta a transmissão de uma ideia e não apenas de trazer a informação em si, indicando que a

<sup>4</sup> Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/BvUXzhghHJQ/>>. Acesso em: 18/08/2019

interpretação do significado da imagem está relacionada com o conteúdo da mesma. Ainda, é possível verificar que a *hashtag* #DiadaAgua foi representada na categoria Quando (Específico), uma vez que o dia da água é comemorado no dia 22 de março, mesma data de publicação da imagem.

**Imagem 6.** Fotografia do mês de abril



Fonte: Fotografia do perfil GreenPeace Brasil da rede social Instagram

**Quadro 11.** Dados da fotografia do mês de abril

CATEGORIAS										
Imagem	Quem/O que		Onde		Quando		Como		SOBRE	Dimensão Expressiva
	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.		
6									#DesmatamentoZero #SemFlorestaSemVida #Amazonia #Desmatamento #JairBolsonaro #Bolsonaro	

Fonte: Dados da pesquisa.

A imagem 6<sup>5</sup> recebeu o total de seis *hashtags* para representá-la. As *hashtags* atribuídas para esta imagem foram: #Desmatamento, #Bolsonaro, #JairBolsonaro, #DesmatamentoZero, #SemFlorestaSemVida e #Amazonia. A imagem 6 traz nela a fotografia

<sup>5</sup> Disponível em: < [https://www.instagram.com/p/BvtzXlbBOj\\_/>](https://www.instagram.com/p/BvtzXlbBOj_/>). Acesso em: 18/08/2019

de um cartaz com os dizeres: “*Bolsonaro stop Amazon Destruction*”, percebe-se então que a atribuição das 6 tags estão relacionadas aos dizeres da imagem e não sobre a imagem em si e por conta deste detalhe, todas as *hashtags* foram relacionadas com a categoria SOBRE, pois a imagem não representa uma foto de Jair Bolsonaro, ou da Floresta Amazônica em si. Essa prática de representação da imagem necessita, mais uma vez, de contextualização ao assunto principal da fotografia, já que o objeto principal da fotografia são os dizeres escritos no cartaz.

**Imagem 7.** Fotografia do mês de maio



Fonte: Fotografia do perfil GreenPeace Brasil da rede social Instagram

**Quadro 12.** Dados da fotografia do mês de maio

Imagem	CATEGORIAS									Dimensão Expressiva
	Quem/O que		Onde		Quando		Como		SOBRE	
	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.		
7	#Abelhas									#Agricultura #Agrotóxicos #ChegadeAgrotóxicos #SalveAsAbelhas #ÉoFimdaPicada

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se que na imagem 7<sup>6</sup> é possível identificar um apicultor segurando um enxame de abelhas mortas. Ainda, é possível identificar 3 pessoas ao fundo segurando cartazes com os dizeres: “*Save the bees*” e “#SOSabejas”.

Ao observar a fotografia, a *hashtag* #Abelhas está relacionada com o objeto enfocado. Assim, no processo de folksonomia, esse termo foi atribuído à categoria Quem/O quê (Genérico), uma vez que não específica à espécie de abelha. A categoria Quem/O quê se refere ao assunto expresso com elementos que constituem o referente da imagem. Para Manini (2002, p. 67), o objeto destacado na imagem, como é o caso das abelhas, recebe o nome de referente, uma vez que tem por finalidade “dar assunto, motivo e razão de ser a uma imagem”. Porém, nota-se que na imagem também foram atribuídas as *hashtags*: #ChegaDeAgrotóxicos, #SalveAsAbelhas e #ÉoFimDaPicada. Ao observar a imagem, essas etiquetas não se relacionam com o objeto em si. Todavia, percebe-se que a imagem está relacionada com um protesto, uma vez que a legenda da fotografia informa o número de morte de abelhas por conta do alto uso de agrotóxicos.

Percebe-se então a relação entre a categoria SOBRE com o nível iconológico da imagem, como afirma Smit (1996), pois é necessário que o usuário já tenha uma contextualização referencial sobre a imagem em questão, uma vez que a categoria SOBRE traz com ela o esclarecimento do sentido intrínseco e dos valores simbólicos sobre o conteúdo da fotografia. Assim, entende-se que as *hashtags* #ChegaDeAgrotóxicos, #ÉoFimDaPicada e #SalveAsAbelhas estão relacionadas de forma abstrata à imagem.

---

<sup>6</sup> Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/BxvJR3uHIqy/> >. Acesso em: 18/08/2019

**Imagem 8.** Fotografia do mês de junho



Fonte: Fotografia do perfil GreenPeace Brasil da rede social Instagram

**Quadro 13.** Dados da fotografia do mês de junho

CATEGORIAS										
Imagem	Quem/O que		Onde		Quando		Como		SOBRE	Dimensão Expressiva
	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.		
8		#iamazonia							#DesmatamentoZero #GuardioesdaFloresta #SemFlorestaSemVida #iamsterdam	

Fonte: Dados da pesquisa.

A imagem 8<sup>7</sup> retrata uma foto que contém um letreiro com a fala: “*I am amazonia*” e nela foram atribuídas cinco *hashtags*, sendo “#iamazonia”, “#DesmatamentoZero”, “#GuardioesdaFloresta”, “#SemFlorestaSemVida” e “#iamsterdam”. A categoria Quem/O quê, responsável pelos termos que se expressam com elementos que constituem a imagem, recebeu apenas a *tag* #iamazonia, pois a mesma está descrita na imagem, em destaque, fazendo parte do referente da fotografia.

As outras *hashtags* foram direcionadas para a categoria SOBRE, pelo de fato de todas se referirem ao conceito iconológico da imagem, necessitando que o usuário tenha

<sup>7</sup> Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/BzLVut-B23o/>>. Acesso em: 18/08/2019

conhecimento prévio e contextualização sobre o assunto ali representado. Esta atribuição foi definida de tal maneira mediante a não existência de referentes sobre as *tags* na imagem analisada.

**Imagem 9.** Fotografia do mês de julho



Fonte: Fotografia do perfil GreenPeace Brasil da rede social Instagram

**Quadro 14.** Dados da fotografia do mês de julho

CATEGORIAS										
Imagem	Quem/O que		Onde		Quando		Como		SOBRE	Dimensão Expressiva
	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.		
Mês de julho	#Abelhas	#Greenpeace							#SalveAsAbelhas #Agrotóxicos	#FaceApp

Fonte: Dados da pesquisa.

Observam-se na imagem 9<sup>8</sup> duas fotografias, a primeira retratando abelhas vivas em uma colmeia e outra fotografia registrando um ser humano segurando em suas mãos um enxame de abelhas mortas.

Nesta imagem, cinco *tags* foram utilizadas para representá-la, sendo elas “#Abelhas”, “#Greenpeace”, “#SalveAsAbelhas”, “#FaceApp” e “#Agrotóxicos”. Ao analisar as *tags* empregadas, percebe-se que duas delas, #Abelhas e #Greenpeace, se encaixam na categoria Quem/O quê, sendo #Abelhas um termo genérico (Gen.), pois não especifica a espécie de

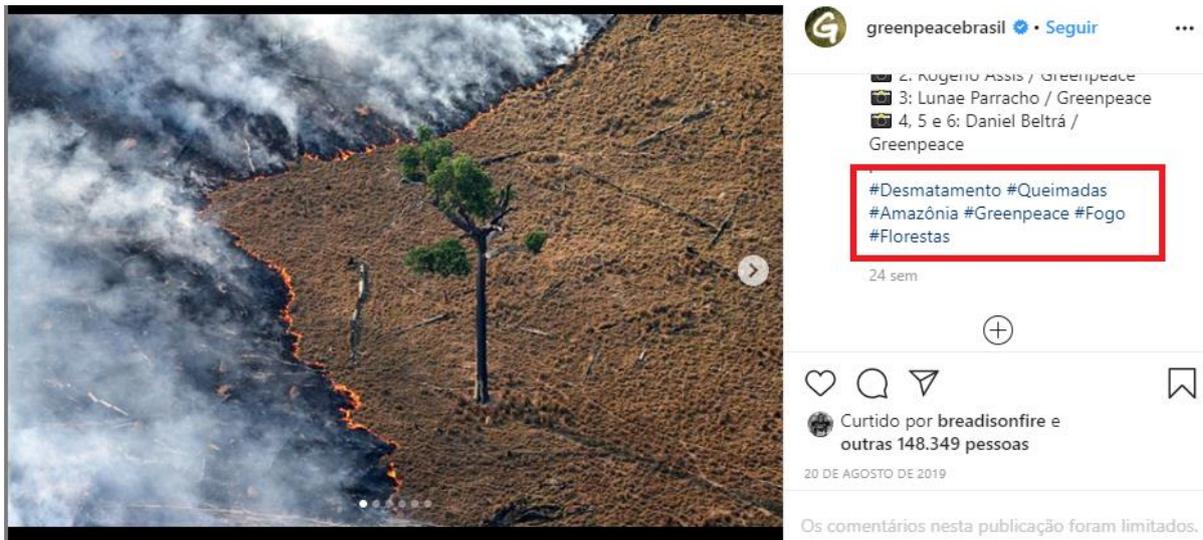
<sup>8</sup> Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/Bz87XT2BV0E/>>. Acesso em: 18/08/2019

abelha e #Greenpeace específico (Esp.), já que especifica qual ONG publicou tal imagem. A categoria Quem/O quê se refere ao assunto principal expresso nos elementos da imagem publicada. Para Manini (2002) quando há um destaque do objeto principal da imagem, este é nomeado como referente, que tem como função dar assunto, motivo e razão à imagem. No caso desta imagem, #Abelhas é considerado o referente, sendo objeto principal retratado tanto na fotografia, quanto em *tag*.

Outras duas *tags* foram direcionadas à categoria SOBRE. Esta categoria, como dito anteriormente, está relacionada ao nível iconológico, pois é necessário que o usuário tenha tido contato com o assunto retratado e, de certa forma, ter construído uma contextualização sobre tal assunto, como afirma Smit (1996). Deste modo, compreende-se que os termos “#SalveAsAbelhas” e “#Agrotóxicos” estão direcionados ao SOBRE, pois é necessário conhecimento prévio sobre o uso de agrotóxicos estar relacionado à morte de abelhas, bem como a necessidade de salvar as abelhas que são animais responsáveis pela polinização de inúmeras flores. sendo que sua extinção afetaria de maneira abrupta toda a fauna e flora mundial, como aponta o estudo realizado por vanEngelsdorp et al., (2009).

A última *tag*, #FaceApp, foi atribuída à categoria Dimensão Expressiva, pois compreende o recurso técnico “Efeitos Especiais” categorizado por Manini (2002), já que a *tag* em questão diz respeito a um aplicativo que realiza a criação de montagens fotográficas, como a utilizada na imagem. A categoria Dimensão Expressiva tem por finalidade facilitar a recuperação de fotografias que melhor atendam às necessidades dos usuários. Além, de como afirma Lopes (2006), contribuir para a identificação de dados técnicos sobre a imagem, que irão ampliar o conjunto de descritores que será utilizado.

**Imagem 10.** Fotografia do mês de agosto



Fonte: Fotografia do perfil GreenPeace Brasil da rede social Instagram

**Quadro 15.** Dados da fotografia do mês de agosto

CATEGORIAS										
Imagem	Quem/O que		Onde		Quando		Como		SOBRE	Dimensão Expressiva
	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.		
Mês de agosto	#Florestas #Fogo			#Amazônia					#Greenpeace #Queimadas #Desmatamento	

Fonte: Dados da pesquisa.

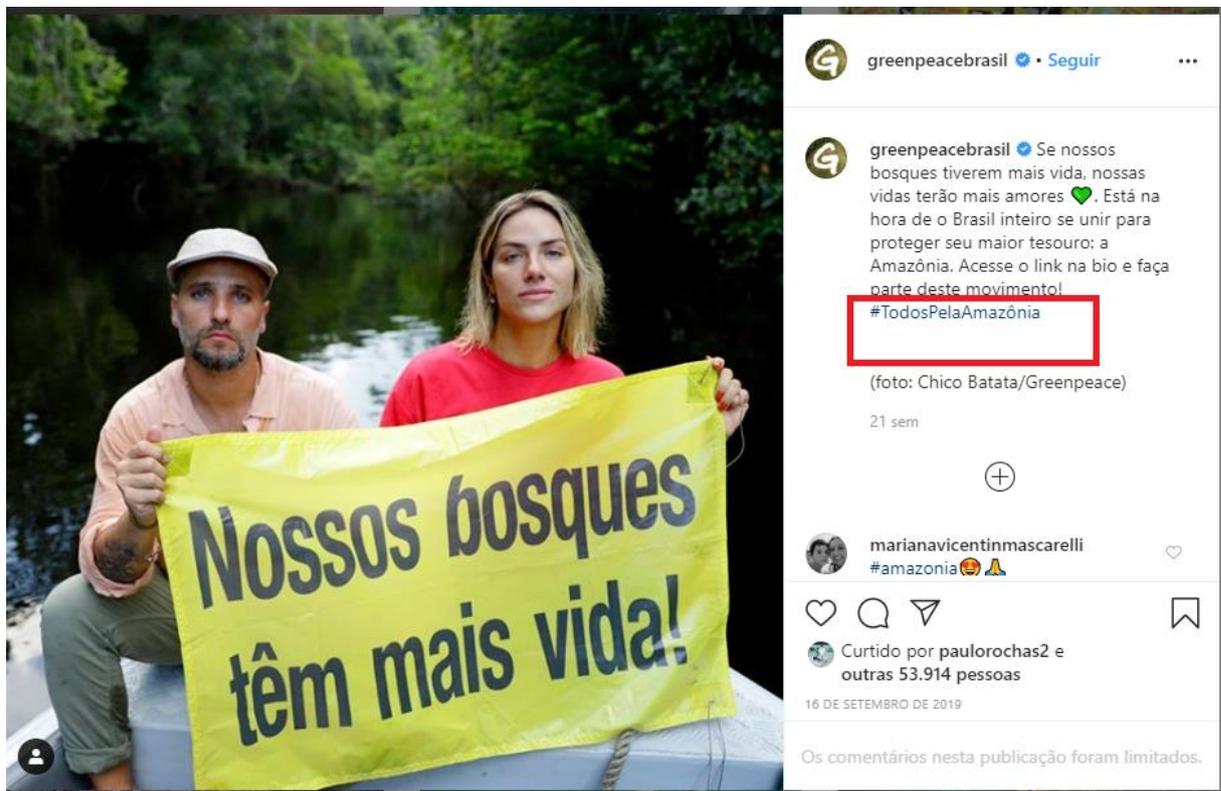
A Imagem 10<sup>9</sup> apresenta a oitava fotografia selecionada para compor a análise deste trabalho. Trata-se de uma fotografia publicada no mês de agosto e que recebeu 6 *hashtags* para representá-la, sendo: #Florestas, #Fogo, #Amazônia, #Greenpeace, #Queimadas e #Desmatamento.

No processo de categorização das *hashtags* representadas na imagem, foram atribuídas as *hashtags* #Florestas e #Fogo na categoria Quem/O quê (Genérico), ao passo que essas *hashtags* expressam os elementos que constituem a imagem. A *hashtag* #Amazônia foi contemplada na categoria Onde (Específico), que se refere, como já explicitado, a uma localização geográfica específica. Assim, nota-se que o autor da publicação demonstrou uma atenção precisa ao atribuir uma *hashtag* que representa a localização da imagem.

<sup>9</sup> Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/BIZv-Ymh\\_LK/](https://www.instagram.com/p/BIZv-Ymh_LK/)>. Acesso em: 17/12/2019

A *hashtag* #semlicençaparadestruir foi atribuída na categoria SOBRE, uma vez que remete aos aspectos subjetivos da imagem. Manini (2002, p. 104) relata que esse tipo de categorização não é usado por Smit (1996) para cada categoria de perguntas feitas à imagem (quem, o quê, quando, onde, como). A autora ressalta que o SOBRE é “[...] uma síntese, nomeada a partir de um ou vários conceitos abstratos e que pode ser deduzida a partir de vários componentes da imagem, distribuídos por diferentes categorias informacionais”. Assim, ao representar a imagem com a *hashtag* #semlicençaparadestruir, o indexador já espera um certo nível de contextualização sobre o assunto representado na imagem publicada por parte de outros usuários seguidores da página ou que irão realizar a busca com esse termo.

**Imagem 11.** Fotografia do mês de setembro



Fonte: Fotografia do perfil GreenPeace Brasil da rede social Instagram

**Quadro 16.** Dados da fotografia do mês de setembro

CATEGORIAS										
Imagem	Quem/O que		Onde		Quando		Como		SOBRE	Dimensão Expressiva
	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.		
Mês de setembro									#TodosPelaAmazônia	

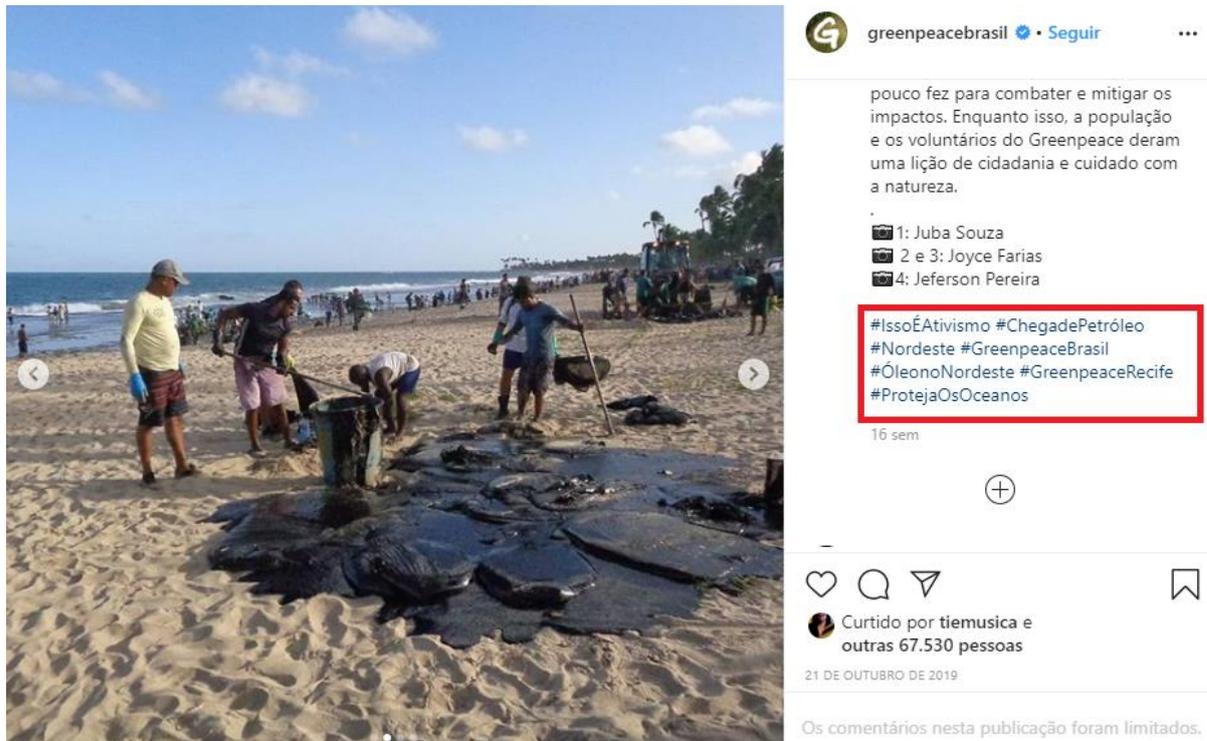
Fonte: Dados da pesquisa.

A imagem 11<sup>10</sup> recebeu apenas uma *tag* em sua representação, sendo ela: #TodosPelaAmazônia. A referida imagem apresenta uma fotografia com duas pessoas em um barco, cruzando um rio e segurando uma faixa com os dizeres “Nossos bosques tem mais vida!”. Muito provavelmente a paisagem de fundo aos personagens da fotografia seja um trecho fluvial amazônico, por isso a associação com a *tag* #TodosPelaAmazônia.

Apesar da *tag* possuir certa referência com a floresta amazônica e haver uma paisagem de fundo nesta fotografia, existe uma contextualização com a campanha “Todos Pela Amazônia” realizada pelo grupo *Greenpeace*. Com isso, a *tag* foi direcionada para a categoria SOBRE, onde a prática de representação da imagem necessita de conhecimento prévio, uma vez que não há relação direta com a imagem representada.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B2eYa9uhWIZ/>>. Acesso em: 17/12/2019

**Imagem 12.** Fotografia do mês de outubro



Fonte: Fotografia do perfil GreenPeace Brasil da rede social Instagram

**Quadro 17.** Dados da fotografia do mês de outubro

Imagem	CATEGORIAS									
	Quem/O que		Onde		Quando		Como		SOBRE	Dimensão Expressiva
	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.		
Mês de outubro			#Nordeste						#IssoÉAtivismo #ChegadePetróleo #GreenpeaceBrasil #ÓleonoNordeste #GreenpeaceRecife #ProtejaOsOceanos	

Fonte: Dados da pesquisa.

A Imagem 12<sup>11</sup> foi a foto com mais curtidas postada no mês (de) outubro. A imagem apresenta pessoas limpando uma grande mancha de óleo que está sobre a areia de uma praia. Para a representação da mesma foram utilizadas sete *hashtags*: #Nordeste, #GreenpeaceBrasil, #ÓleonoNordeste, #GreenpeaceRecife, #ProtejaOsOceanos, #IssoÉAtivismo e #ChegadePetróleo.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B347oX8hNL4/>>. Acesso em: 17/12/2019

A categoria SOBRE, englobou seis das sete *tags* utilizadas, pois, como já dito anteriormente, essas palavras-chave exigem do usuário um conhecimento prévio de algum determinado assunto, neste caso, conhecimento sobre o derramamento de óleo no litoral nordestino, o que é ativismo e (conhecimento) sobre as campanhas executadas pelo grupo Greenpeace Brasil. Já a *hashtag* #Nordeste foi direcionada para a categoria: ONDE (Genérico). Esta palavra-chave indica uma localização que está presente na fotografia, mas de forma superficial, não detalhando exatamente em qual estado, cidade ou praia está localizada e nem mesmo o nome de identificação desta parte do litoral.

**Imagem 13.** Fotografia do mês de novembro



Fonte: Fotografia do perfil GreenPeace Brasil da rede social Instagram

**Quadro 18.** Dados da fotografia do mês de novembro

Imagem	CATEGORIAS									Dimensão Expressiva
	Quem/O que		Onde		Quando		Como		SOBRE	
	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.		
Mês de novembro										#TodosPela Amazônia #FlorestaemPé

Fonte: Dados da pesquisa.

Na imagem 13<sup>12</sup>, nota-se uma fotografia de uma árvore com um cartaz pendurado na mesma, que possui a frase “Me proteja, ser árvore neste governo, está difícil”. Porém as *tags* atribuídas para sua representação foram: #TodosPelaAmazônia e #FlorestaemPé. Percebe-se uma certa repetição destas *tags* em outras imagens, (porque) muito provavelmente pertencem às campanhas virtuais criadas pelo perfil em questão. Como as representações por meio de palavras-chave não contemplam de maneira direta a fotografia analisada, ambas as *tags* foram direcionadas à categoria SOBRE, assumindo a necessidade de contextualização do usuário para que haja sentido nesta representação.

**Imagem 14.** Fotografia do mês de dezembro



Fonte: Fotografia do perfil GreenPeace Brasil da rede social Instagram

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B5bAjNwBerA/>>. Acesso em: 17/12/2019

**Quadro 19.** Dados da fotografia do mês de dezembro

CATEGORIAS										
Imagem	Quem/O que		Onde		Quando		Como		SOBRE	Dimensão Expressiva
	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.		
Mês de dezembro									#ChegaDeAgrotóxicos #Anvisa #Agricultura #Greenpeace	

Fonte: Dados da pesquisa.

A imagem 14<sup>13</sup> apresenta uma charge feita pelo autor Junião onde é retratado um personagem com o nome “ANVISA” (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) maquiando um esqueleto que possui o nome “Agrotóxico”. A charge foi criada em 2019, época em que o atual governo federal liberou a utilização, para a agropecuária brasileira, de mais 70 agrotóxicos (TOOGE, 2019).

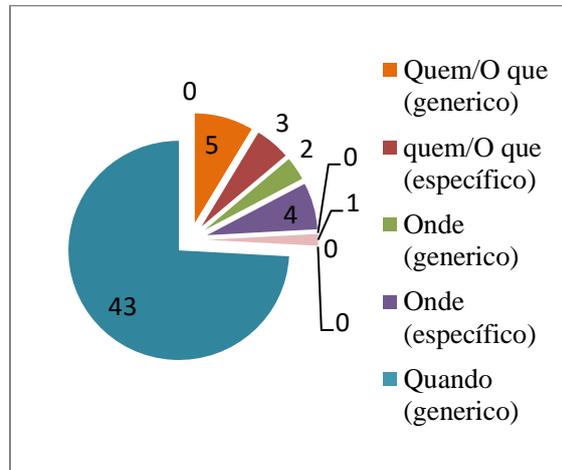
A foto foi representada pelas *tags*: #ChegaDeAgrotóxicos, #Anvisa, #Agricultura e #Greenpeace e todas foram inseridas na categoria SOBRE. Neste caso há a utilização de um desenho, ou seja, uma arte que representa um determinado assunto. As palavras-chave utilizadas não fazem menção direta ao autor, ou a arte ali expressada, por isso todas as *tags* foram inseridas na categoria supracitada. Neste caso, além de uma contextualização sobre o assunto, o usuário necessitaria também de conhecimento prévio sobre as atitudes governamentais que ocorreram em relação à utilização de agrotóxicos, sobre o que é a ANVISA e o seu papel.

Em sua totalidade foram identificadas 59 *hashtags* para descrever as doze fotografias selecionadas para a análise, sendo que 42 *hashtags* foram atribuídas na categoria SOBRE, enquanto que cinco foram atribuídas na categoria Quem/O quê (Genérico) e quatro na (Específico). Já a categoria Onde (Genérico) recebeu apenas duas *hashtag* e quatro na (Específico). Foi atribuída apenas 1 *hashtag* para a categoria Quando (Específico), enquanto que às categorias COMO (Genérico e Específico) não foram atribuídas *hashtags*. Por fim, a categoria DIMENSÃO EXPRESSIVA recebeu apenas 1 *hashtag*.

Para fins de ilustração, a Imagem 15 e o quadro 20 sintetizam os dados obtidos, conforme seguem:

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B58nsByBV6w/>>. Acesso em: 03/01/2020

**Imagem 15.** Gráfico sobre a distribuição das *hashtags* a partir do preenchimento da Grade de Análise Documentária de Imagens Fotográficas



Fonte: Dados da pesquisa.

**Quadro 20.** Grade de Análise Documentária de Imagens Fotográficas preenchida

CATEGORIAS										
Imagem	Quem/O que		Onde		Quando		Como		SOBRE	Dimensão Expressiva
	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.	Gen.	Esp.		
1		#Vale	#MinasGerais	#Brumadinho #Mariana					#semlicençaaparadestruir	
2	#bombeiros	#bombeirocivil		#Brumadinho					#SOSBrumadinho #FoiCrime #greenpeacebr	
3						#DiaDaAgua			#SemFlorestaSemVida #SemFlorestaSemAgua #DesmatamentoZero #aquecimentoglobal #mudançasclimáticas	
4									#DesmatamentoZero #SemFlorestaSemVida #Desmatamento #JairBolsonaro #Bolsonaro #Amazonia	
5	#Abelhas								#ChegaDeAgrotóxicos #SalveAsAbelhas #ÉoFimDaPicada #Agricultura #Agrotóxico	
6		#iamazonia							#DesmatamentoZero #GuardioesdaFloresta #SemFlorestaSemVida #iamsterdam	
7	#Abelhas	#Greenpeace							#SalveAsAbelhas #Agrotóxicos	#FaceApp

8	#Florestas #Fogo			#Amazônia					#Greenpeace #Queimadas #Desmatamento	
9									#TodosPelaAmazônia	
10			#Nordeste						#issoÉAtivismo #ChegadePetróleo #GreenpeaceBrasil #ÓleonoNordeste #GreenpeaceRecife #ProtejaOsOceanos	
11									#TodosPelaAmazônia #FlorestaemPé	
12									#ChegaDeAgrotóxicos #Anvisa #Agricultura #Greenpeace	

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir dos dados apresentados na Imagem 15 e o Quadro 20, constata-se que a categoria SOBRE recebeu maior atribuição das *hashtags*, correspondendo a 71,1% do total das *hashtags* atribuídas às imagens. A categoria SOBRE é mais subjetiva e de consenso limitado. Conforme indica Manini (2002), essa limitação está vinculada com a polissemia da imagem e ao repertório do observador. A autora ressalta ainda que a categoria SOBRE “é tudo o que não é a imagem em si, embora ele ‘esteja’ na imagem” (MANINI, 2002, p. 74). De acordo com a ideia de Smit (1996), isso mostra que no processo de indexação social/folksonomia do perfil do Greenpeace Brasil o usuário indexador utiliza as *hashtags* para transmitir uma ideia e não somente para informar algum fato.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou identificar em que medida as práticas de folksonomia adotadas pelos usuários em redes sociais se aproximam das concepções propostas pela análise documentária de imagens fotográficas discutidas pela literatura especializada da Ciência da Informação brasileira. Para isso, conduziu-se um estudo exploratório e descritivo, tomando como base a literatura especializada que discute o tema, além de um conjunto de 12 fotografias compartilhadas na página da rede social Instagram, especificamente pelo perfil do Greenpeace Brasil.

Para a análise das práticas de representação de documentos imagéticos através do processo da folksonomia, empregou-se uma adaptação da grade documentária de imagens fotográficas proposta por Manini (2002) e apresentada por Barbosa (2015). Com (o) uso deste instrumento, foi possível realizar um mapeamento das características da folksonomia empregadas no acervo fotográfico selecionado para a composição do *corpus* de pesquisa.

A etapa da pesquisa empírica revelou que as categorias contempladas foram: Quem/O quê (genérico e específico), Onde (genérico e específico), Quando (específico) e a categoria SOBRE, não tendo ocorrido atribuição nas categorias Como (genérico e específico) e na categoria Dimensão Expressiva. Esse resultado demonstrou que o indexador das fotografias do perfil Greenpeace Brasil tende a representar as imagens fotográficas de uma forma mais subjetiva e de consenso limitado, uma vez que 42 *hashtags* foram atribuídas à categoria SOBRE.

A presença de 43 *hashtags* na categoria SOBRE revelou, dentre outros aspectos, que o processo de representação das fotografias está ligado à transmissão de uma ideia e não apenas relacionado à preocupação de trazer uma informação, indicando que a interpretação do significado da imagem está relacionada com o conteúdo da mesma, ou seja, não se refere à imagem, mas aos elementos ligados a ela. Ainda, identificou-se que não houve predominância na atribuição de *hashtags* nas categorias Quem/O quê (tanto genérico quanto específico), o que poderia facilitar na identificação do referente da imagem, já que as doze imagens possuem um objeto focado. As categorias Como e Dimensão Expressiva não foram utilizadas pelos indexadores responsáveis pelo perfil Greenpeace Brasil em nenhuma imagem analisada. Detalhes que ressaltam a composição da imagem, bem como a estrutura que a mesma apresenta são de extrema importância para a precisão ao recuperar. Diante disso, recomenda-se uma maior atenção dos indexadores responsáveis a esses atributos.

Em suma, percebeu-se a falta de conhecimento dos indexadores em questão para conduzir o processo de representação das imagens fotográficas publicadas. A grade de atributos utilizada para o desenvolvimento da presente pesquisa se mostrou pertinente no que tange à categorização para representação correta de imagens fotográficas, porém a pesquisa aqui realizada revelou a falta de conhecimento dos indexadores do perfil Greenpeace Brasil no Instagram sobre tal proposta.

Como forma de avançar no debate aqui apresentado, sugere-se a criação e a formalização de uma política de indexação que padronize a atribuição de *hashtags* e que consiga contemplar de maneira correta os atributos para a análise documentária de imagens em ambientes colaborativos.

## REFERÊNCIAS

- AMSTEL, V. F. **Folksonomia**: vocabulário descontrolado na arquitetura da informação ou samba do crioulo doido. 2007. Disponível em: [http://www.usabilidoido.com.br/arquivos/folcsonomia\\_anarquitectura.pdf](http://www.usabilidoido.com.br/arquivos/folcsonomia_anarquitectura.pdf). Acesso em: 20 nov. 2020.
- ASSIS, J. H.; MOURA, M. A. Folksonomia: a linguagem das tags. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 18, n. 36, p. 85-106, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2013v18n36p85>. Acesso em: 19 jan. 2020.
- BARBOSA, F. **Folksonomia**: análise de etiquetagem de imagens da National Geographic Brasil no Instagram. 2015. 83 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/134812>. Acesso em: 14 nov. 2018.
- BARROS, L. M. S. **A folksonomia como prática de classificação colaborativa para a recuperação da informação**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/737>. Acesso em: 30 mai. 2020.
- BARTHES, R. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOCCATO, V. R. C.; FUJITA, M. S. L. Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. **Cadernos BAD (Portugual)**, n. 2, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/82351>. Acesso em: 07 nov. 2020.
- BRANDT, M. B. **Etiquetagem e folksonomia**: uma análise sob a óptica dos processos de organização e recuperação da informação na web. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/4165>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- CÑADA, J. **Tipologías y estilos en el etiquetado social**. Terremoto.net: Diseño de interacción desde el año 2000, 2006. Disponível em: <http://www.terremoto.net/tipologias-y-estilos-en-el-etiquetado-social/>. Acesso em: 21 mai. 2019.
- CASASÚS, J. M. **Teoria da Imagem**. Rio de Janeiro, Salvat, 1979.

CATARINO, M. E; BAPTISTA, A.A. Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na Web. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v.8, n.3, jun. 2007. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/abcib/article/view/6990>. Acesso em: 31 abril. 2020.

CATARINO, M.; BAPTISTA, A. Folksonomias: características das etiquetas na descrição de recursos da web. **Inf. Inf.**, Londrina, v.14, n. esp., p.46-67, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/3234#:~:text=No%20contexto%20da%20Web%202.0,nem%20o%20controle%20de%20vocal%20C3%A1rios>. Acesso em: 28 fev. 2020.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1994.

FELIPE, C. B. M.; PINHO, F. A. Fotografia como dispositivo da memória institucional. **Logeion: filosofia da informação**, v. 5, n. 1, p. 89-101, 2018. DOI: 10.21728/logeion.2018v5n1.p89-101 Acesso em: 14 jan. 2021.

FLORES, A. B.; MASSONI, L. F. H. A cidade representada em tags: explorando a folksonomia no Flickr. **Ponto de Acesso**, v.11, n3, p.133-147, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/23288/15504>. Acesso em: 30 abr. 2020.

GARDIN, J.C. Document analysis and linguistic theory. **Journal of Documentation**, v.29, n.2, p.137-68, June 1973. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000111&pid=S1413-9936200900040000600015&lng=en](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000111&pid=S1413-9936200900040000600015&lng=en). Acesso em: 20 jan. 2020.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, J.; VELHO, L. **Computação Gráfica: Imagem**. Rio de Janeiro, IMPA/SBM, 1994.

GUY, M.; TONKIN, E. Folksonomies: tidying up tags?. **D-Lib Magazine**, v.12, n.1, jan. 2006.

INSTAGRAM faz 10 anos como uma das maiores redes sociais do mundo e de olho no Tik Tok, para não envelhecer. **G1 ECONOMIA**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/10/06/instagram-faz-10-anos-como-uma-das-maiores-redes-sociais-do-mundo-e-de-olho-no-tiktok-para-nao-envelhecer.ghtml>. Acesso em: 30 nov. 2020.

JOHNSON, S. **Emergência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACERDA, J. A. C.; VALENTE, P. G. A emergência em sistemas baseados em folksonomias. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 59-67, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/issue/view/336>. Acesso em: 20 mai. 2020.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2000.

LOPES, I. L. Diretrizes para uma política de indexação de fotografias. In: MIRANDA, Antonio; SIMEÃO, Elmira. **Alfabetização digital e acesso ao conhecimento**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006. p. 199-214. (Comunicação da Informação Digital, v. 4).

LUND, B. et al. Social Bookmarking Tools (II): a case study: Connotea. **D-Lib Magazine**, v. 11, n.4, apr. 2005.

MANINI, M. P. Análise documentária de imagens: a fotografia e seus textos. Campinas, 1997. **III Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. Análise documentária de imagens. **Informação & Sociedade**, v. 11, n. 1, 2001.

Disponível em:

<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000001563/d8c3d631eb8929c60e889f9ff0dc cb73>. Acesso em: 16 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Análise Documentária de Fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. 226 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-23032007-111516/pt-br.php>. Acesso em: 22 out. 2018.

\_\_\_\_\_. Aspectos informacionais do tratamento de documentos fotográficos tradicionais e digitais. **X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. João Pessoa, 2009.

\_\_\_\_\_. Análise documentária de fotografias: leitura de imagens incluindo sua dimensão expressiva. **Cenário Arquivístico**, Brasília, v. 3, n.1, p. 16-28, 2004a. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/946>. Acesso em: 02 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. O futuro do passado: acervos fotográficos tradicionais + acervos fotográficos eletrônicos. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 12, p. 55-61, 2004b. Disponível em:

[https://www.academia.edu/24840191/O\\_futuro\\_do\\_passado\\_acervos\\_fotogr%C3%A1ficos\\_tradicionais\\_acervos\\_fotogr%C3%A1ficos\\_eletr%C3%B4nicos](https://www.academia.edu/24840191/O_futuro_do_passado_acervos_fotogr%C3%A1ficos_tradicionais_acervos_fotogr%C3%A1ficos_eletr%C3%B4nicos). Acesso em: 04 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. Aspectos informacionais do tratamento de documentos fotográficos tradicionais e digitais. **X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. João Pessoa, 2009.

MARQUES, K. P.; NASCIMENTO, R. E. D. **Indexação de imagens fotográficas de acervo pessoal em meio digital**. 2009. 63 f., il. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/794>. Acesso em: 30 jan. 2020.

MATHES, A. Folksonomies - cooperative Classification and Communication through shared metadata. **Computer Mediated Communication – LIS590CMC**, Urbana: University of Illinois, 2004. Disponível em: <http://adammathes.com/academic/computermediatedcommunication/folksonomies.html>. Acesso em: 13 jul. 2020.

MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. **Linguagens documentárias e vocabulários semânticos para a web**: elementos conceituais. Salvador: EDUFA, 2011.

NASCIMENTO, G. F. C. L. **Folksonomia como estratégia de indexação dos bibliotecários no Del.icio.us**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas – Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: <https://jefersontcc.files.wordpress.com/2011/05/folksonomia-como-estrategia-de-indexacao-dos-bibliotecarios-no-del-icio-us.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2019.

NÓBREGA, I. O.; MANINI, M. P. #Impeachment ou #Nãovaitergolpe: uma análise sobre a folksonomia na indexação de imagens fotográficas em redes sociais da web 2.0. **Biblionline**, João Pessoa, v.12, n. 4, p. 73-84, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/32296/17585>. Acesso em: 30 mai. 2020.

OHMUKAI, I.; HAMASAKI, M.; TAKEDA, Hideaki. **A Proposal of Community-based Folksonomy with RDF Metadata**. In: ISWC, 5., 2006. Disponível em <http://www.kasm.nii.ac.jp/papers/takeda/05/ohmukai05iswc.pdf>. Acesso em: 20 jul 2020.

PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979. (Coleção Debates, n. 99).

QUINTARELLI, E. Folksonomies: power to the people. *In: INCONTRO ISKO ITALIA - UNIMIB*, Milão, 2005. **Proceedings...** Milan: Università di Milano, 2005. Disponível em: <http://www.iskoi.org/doc/folksonomies.htm>. Acesso em: 18 nov. 2018.

ROCHA, A. K.; MORENO, J. A Folksonomia como ferramenta para a representação do conhecimento na web sob a ótica das redes sociais. *In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 35., 2012, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/81183>. Acesso em: 25 nov. 2020.

RODRIGUES, R. C. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ciência da Informação, Brasília**, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1167>. Acesso em: 20 jul. 2020.

RODRIGUES, A. A. A. **Folksonomia**: análise de etiquetagem de imagens no Flickr. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 116. 2010. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECID-88EJT5/1/folksonomia\\_an\\_lise\\_de\\_etiquetagem\\_de\\_imagens\\_no\\_flickr\\_\\_\\_dis.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECID-88EJT5/1/folksonomia_an_lise_de_etiquetagem_de_imagens_no_flickr___dis.pdf). Acesso em: 30 dez. 2019.

ROQUE, J.; VIEIRA, I.; BARROSO, F.; GUIMARÃES, F. X. O instagram como meio promocional: uma análise do conteúdo do designer wandson no ramo digital. **Prisma.com (Portugual)**, n. 43, p. 115-129, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/149557>. Acesso em: 14 jan. 2020.

ROSADO, A. S. R.; TOMÉ, M. N. As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 96, n. 242, p. 11-25. 2015. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812015000100011&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812015000100011&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 10 out. de 2020.

RUSSELL, T. **Contextual Contextual Authority Tagging**: Cognitive Authority Through Folksonomy. Unpublished manuscript, University North Carolin, 2005.

SANTOS, R. F. **Modelos colaborativos de indexação social e sua aplicabilidade na base de dados referencial de artigos de periódicos em ciência da informação (BRAPCI)**. – Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/17218/1/Raimunda%20Fernanda%20dos%20Santos%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20PPGCI%20UFPE%20-%20BDTD.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

SANTOS, R. F.; CORRÊA, R. F. Análise e síntese dos diversos usos do termo "Folksonomia" no âmbito da ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015. **Anais...** João Pessoa: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2020.

SANTOS, H. P. Etiquetagem e folksonomia: o usuário e sua motivação para organizar e compartilhar informação na Web 2.0. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 18, n. 2, p. 91-104, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v18n2/07.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

SANTOS, H. S.; OLIVEIRA, J. R.; LIMA, J. S. Folksonomia: representação da informação na web. **Revista Bibliomar**, São Luís, v.16, n. 1, p. 105-114, 2007. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/view/7620>, Acesso em: 20 jul. 2020.

SHATFORD, S. Analyzing the subject of a picture: a theoretical approach. **Cataloging and Classification Quarterly**, New York, v. 6, n. 3, p. 39-62, 1986. Disponível em: [https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J104v06n03\\_04](https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J104v06n03_04). Acesso em: 30 ago. 2020.

\_\_\_\_\_, S. Some issues in the indexing of images. **Journal of the American Society for Information Science**, [Washington], v. 45, n. 8, p. 583-588, set. 1994. Disponível em: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199409\)45:8<583::AID-ASI13>3.0.CO;2-N](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199409)45:8<583::AID-ASI13>3.0.CO;2-N). Acesso em: 23 nov. 2018.

SILVA, M. J.; ALVES, M. C. A.; COSTA, I. F. Imagem: uma abordagem histórica. **Graphica**. Curitiba, 2007. Disponível em: [http://www.exatas.ufpr.br/portal/docs\\_degraf/artigos\\_graphica/IMAGEM%20UMA%20ABORDAGEM%20HISTORICA.pdf](http://www.exatas.ufpr.br/portal/docs_degraf/artigos_graphica/IMAGEM%20UMA%20ABORDAGEM%20HISTORICA.pdf). Acesso em: 25 jun. 2020.

SMIT, J. W. **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987.

SMIT, Johanna W. **Análise documentária: a análise da síntese**. 2a edição. Brasília: IBICT, 1989.

SMIT, J. W. A representação da imagem. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul/dez 1996. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000003191/6d3525c87bbe9499da8dd82cd508b9a6/>. Acesso em: 12 nov. 2018.

TOOGE, R. **Governo autoriza mais 63 agrotóxicos, sendo 7 novos; total de registros em 2019 chega a 325**. G1, 17 set. 2019. Seção Agro. Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2019/09/17/governo-autoriza-mais-63-agrotoxicos-sendo-7-novos-total-de-registros-em-2019- chega-a-325.ghtml>. Acesso em: 12 fev. 2020.

UDELL, J. **Collaborative knowledge gardening: with Filcker and del.ci.o.us, social networking goes beyond sharing and connections**. InfoWorld. 2004. Disponível em: [http://www.infoworld.com/article/04/08/20/34OPstratetic\\_1.html](http://www.infoworld.com/article/04/08/20/34OPstratetic_1.html). Acesso em: 20 jul. de 2020.

VANENGELSDORP, D.; HAYES JR., J.; UNDERWOOD, R.M.; PETTIS, J.S. A survey of honey bee colony losses in the United States, fall 2008 to spring 2009. **Journal of Apicultural Research**, v.49, p.7-14, 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.3896/IBRA.1.49.1.03>. Acesso em: 12 abr. 2019.

VIERA, A. F. G.; GARRIDO, I. S. Folksonomia como uma estratégia para recuperação colaborativa da informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/abcib/article/view/13123>. Acesso em: 20 mai. de 2020.

WAL, T. V. **Explaining and showing broad and narrow folksonomies**. 2005a. Disponível em: <http://www.vanderwal.net/random/entrysel.php?blog=1635>. Acesso em: 20 out. 2018.

WAL, T. V. **Folksonomy definition and wikipedia**. 2005b. Disponível em: <http://www.vanderwal.net/random/entrysel.php?blog=1750>>. Acesso em: 21 out. 2018.

WAL, T. V. **Folksonomy coinage and definition**. 2007. Disponível em: <http://vanderwal.net/folksonomy.html>. Acesso em: 25 jun. 2020.